

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO TESTE DE RELAÇÕES OBJETAIS

Marcia Keller Coronel

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Porto Alegre, Março de 2015

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO TESTE DE RELAÇÕES OBJETAIS

Marcia Keller Coronel

ORIENTADOR: PROF(a). DR(a). Margareth da Silva Oliveira

Tese de Doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Clínica

Porto Alegre, Março de 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C822e Coronel, Marcia Keller
Evidências de validade do teste de relações objetais. /
Marcia Keller Coronel. –Porto Alegre, 2014.
112f. : il.

Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia,
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
Orientação: Profa. Dra. Margareth da Silva Oliveira.
Área de concentração: Psicologia Clínica.
Linha de Pesquisa: Teorias, Técnicas e Intervenções em
Psicologia Clínica.

1. Psicologia Clínica. 2. Teste de Relações Objetais.
3. Testes Psicológicos – Validação. I. Oliveira, Margareth da
Silva. II. Título.

CDD 155.633

**Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Cíntia Borges Greff- CRB 10/1437**

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO TESTE DE RELAÇÕES OBJETAIS

Marcia Keller Coronel

COMISSÃO EXAMINADORA:

Dra. Anna Elisa Villemor-Amaral (USF)

Dra. Leanira Kesseli Carrasco (PUCRS)

Dra. Clarissa Marcelli Trentini (UFRGS)

Dra. Margareth da Silva Oliveira (PUCRS)

Orientadora

Porto Alegre, Março de 2015

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus
amores e aos meus mentores, pelo
incentivo e compreensão.*

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que gostaria de agradecer que fizeram parte desta importante trajetória profissional. Os familiares, amigos, colegas de grupo dos grupos de pesquisa e colegas de profissão. Cada um auxiliou ao seu modo na construção desta tese.

Inicialmente agradeço a minha família, Christian, meu marido, Alberto e Henrique, meus filhos. Os quais viveram comigo esta etapa, o Henrique em especial que me acompanhou nas atividades do primeiro ano do doutorado, durante a gravidez e depois no retorno para apresentação dos trabalhos.

Agradeço a meus pais, Miguel e Marlise, e minha sogra Suzete, que me auxiliaram com o cuidado de meus pequenos quando não conseguia vencer meus tempos.

Agradeço em especial, a colega Katherine Flach que compartilhou comigo as ansiedades de conhecer um novo instrumento, num momento de muita insegurança. Agradeço ainda, ao graduando Guilherme Fiorini, e a psicóloga Gabryellen Des Essarts, que se mantiveram fiéis a pesquisa mesmo quando nosso grupo original de trabalho havia se dissolvido. A estes não tenho palavras para agradecer, pois sem vocês não haveria como ter ocorrido este estudo.

Agradeço a colega de grupo Marcia Henrique que possibilitou a coleta dos grupos de dependência química na clínica Mosaico e Casa da Graça em Canoas. Agradeço à Direção do Presídio Central de Porto Alegre que confiou na importância da pesquisa e assegurou que a mesma fosse desenvolvida com segurança.

Agradeço à minha orientadora, e idealizadora do projeto, Profa. Dra. Blanca Guevara Werlang (in memoriam) que partiu cedo, mas que proporcionou grandes aprendizados em anos de convivência. Com todo o carinho agradeço a minha também orientadora, Margareth da Silva Oliveira, que me recebeu em seu grupo, mesmo sabendo da diferença de temas, foi companheira nos momentos mais difíceis, me dando apoio e calma. Obrigada!!!

Agradeço ainda à Profa Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes pela colaboração no momento final da tese, com seus sábios conhecimentos.

A todos só quero agradecer. Obrigada!!!!

RESUMO

O Teste das Relações Objetais (TRO) desenvolvido por Phillipson em 1955, e reeditado por Shaw em 2002, o qual propôs um modo específico de categorização do instrumento, a partir de 5 passos. Trata-se de um instrumento construído a partir do Rorschach e Teste de Apercepção Temática, sob o enfoque das teorias das relações objetais, proposta por Melanie Klein e William Fairbairn, organizado em 12 lâminas pictóricas e 1 em branco, distribuídas em 3 séries (A-B-C), 4 configurações relacionais (1 pessoa – 2 pessoas – 3 pessoas – grupo). Considerando a importância da adaptação dos instrumentos para a realidade em que são utilizados, este estudo buscou verificar evidências de validade do TRO. Para isso, a presente Tese de Doutorado foi organizada em três seções. A primeira discute teoricamente aspectos teóricos e práticos do TRO, focando na construção deste e no modo de aplicação e correção do instrumento. A segunda seção, descreve o estudo que tem por objetivo avaliar a fidedignidade através da concordância entre avaliadores e também intra-avaliadores no Teste de Relações Objetais (TRO). Foram realizadas correção às cegas, por três juízes, de uma amostra de 50 casos, aplicados em pessoas da população geral, dependentes químicos e apenados do presídio central de Porto Alegre. E dentre estes, 20 casos foram recorridos por dois juízes em intervalo maior que um mês. Houve concordância quase perfeita entre os avaliadores, bem como intra-avaliadores, considerando o método estatístico Kappa e interpretação de Landis e Koch, nos itens sujeito e objeto, ação, implementação ou bloqueio das ações retratadas, afetos, defesas e variação de estímulo. E a terceira seção trata de um estudo comparativo entre grupos de dependentes químicos (N= 30) e indivíduos com histórico de comportamento violento (N=40) e população geral (N= 36) que responderam ao TRO. Foram analisados segundo o sistema de categorização do instrumento, quanto ao número de esquemas, tipos de sujeitos e objetos nas narrativas, ações utilizadas, bem como sua implementação ou bloqueio, afetos e defesas e, por fim, variações do estímulo. Utilizou-se de estatística ANOVA para comparações múltiplas, através do Teste de Tukey e Student-Newman-Keuls. Foi possível verificar que o TRO mostrou-se válido na diferenciação dos grupos critério avaliados. Os resultados desta Tese contribuem para uma futura adaptação do instrumento a realidade brasileira, servindo como um incentivo a este processo.

Palavras-Chaves: Teste de Relações Objetais; Fidedignidade; Validade

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 70701008 – Fundamentos e Medidas da psicologia

ABSTRACT

The Object Relations Technique (ORT) was developed by Phillipson in 1955 and reedited by Shaw in 2002, who proposed a specific 5-step categorization of the instrument. It was built from the Rorschach Technique and the Thematic Apperception Test, based on the object relations theory, proposed by Melanie Klein and William Fairbairn, consisting in 12 pictorial cards and one blank, distributed in 3 series (A-B-C), and 4 relational settings (1 person – 2 people – 3 people – group). Considering the importance of instruments adaptation to the reality they are used, this study aimed to verify the ORT validity evidences. To this end, the present Doctoral Thesis was organized in three sections. The first is a theoretical discussion about theoretical and practical aspects of the ORT, focusing on its construction and the instrument's application and correction. The second section is a description of the study that aims to evaluate the ORT reliability through intraobserver and between observer agreements. Three judges performed blind corrections of the ORT protocols from a 50 cases sample, constituted by people from the general population, drug addicts and inmates of the Central Prison of Porto Alegre. And, among these, 20 cases were reevaluated by two judges in a longer than a month range. There was an almost perfect agreement between evaluators and in the intraobserver corrections, considering the Kappa statistical method and the Landis and Koch interpretation in the items: subject and object, action, blockage or implementation of the portrayed actions, affects, defenses and stimulus variance. And the third section addresses a study which compares drug users (N=30), individuals with violent behavior history (N=40) and people from the general population (N=36) who responded to the ORT. According to the instrument categorization system, were analyzed the number of strings, the types of subjects and objects used in the narratives, actions used, as well as its implementation or blockage, affects and defenses and, ultimately, the stimulus variance. ANOVA statistics was used for multiple sample comparisons, applying the Tukey Test and Student-Newman-Keuls. It was verified that the ORT proved to be useful in the differentiation of the criteria groups evaluated. This thesis results contribute to a future adaptation of the test to the Brazilian reality, serving as a stimulus to this process.

Key-words: Object Relations Technique; Reliability; Validity

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psychology

Sub-área conforme classificação CNPq: 70701008 - Fundamentals and Psychology Measures

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	6
AGRADECIMENTOS	7
RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
SUMÁRIO.....	9
LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE QUADROS.....	11
LISTA DE SIGLAS.....	12
INTRODUÇÃO	13
OBJETIVOS.....	22
SEÇÃO I.....	23
Teste de Relações Objetais: Aspectos Teóricos e Práticos.....	23
SEÇÃO II	41
Estudo de Fidedignidade Entre e Intra Avaliadores do Teste de Relações Objetais (TRO)	41
SEÇÃO III.....	59
Teste de Relações Objetais (TRO) em Dependentes Químicos e Indivíduos com Comportamento Violento.....	59
CONCLUSÕES E PROPOSTAS PARA TRABALHOS FUTUROS	93
ANEXOS	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Sumário do resultado da medida de concordância entre os juízes em cada categoria avaliada no protocolo do TRO.....	50
Tabela2. Sumário do resultado da medida de concordância intra-juízes em cada categoria avaliada no protocolo do TRO.....	52
Tabela 3. Dados Sóciodemográficos e Capacidade intelectual (Teste de Raven), comparação das Médias por grupo.....	68
Tabela 4. Comparação das médias do Teste Raven entre os grupos por sexo.....	69
Tabela 5. Comparação entre grupos quanto à média do número de esquemas utilizados nas narrativas.....	70
Tabela 6. Comparação das médias das respostas considerando o total dos tipos de sujeitos e tipos de objetos entre grupos.....	71
Tabela 7. Diferença das médias relacionadas aos tipos de sujeitos empregados nas narrativas, bem como dos objetos segundo os grupos, pelo Teste de Tukey.....	73
Tabela 8. Comparação das médias de cada tipo de ação utilizada nas narrativas por grupo.....	77
Tabela 9. Comparações das médias da implementação/bloqueio da ação nas narrativas, por grupos através do Teste de Tukey.....	79
Tabela 10. Comparação das médias com diferença estatisticamente significativa dos tipos de afetos descritos nas narrativas por grupo ANOVA comparações por Student-Newman-Keuls.....	81
Tabela 11. Comparação das médias das defesas empregadas nas narrativas conforme grupo, segundo estatística ANOVA através do Teste de Tukey.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Lâminas como estímulos desencadeantes geradores de temáticas.....	29
Quadro 2. Principais aspectos analisados nas histórias (respostas) do TRO	31
Quadro 3. Classificação do Equilíbrio Adaptativo - TRO.....	32

LISTA DE SIGLAS

ASR- Adult Self Report

DEST- destrutiva

F- feminino

F/M – gênero ambíguo predominantemente feminino

GRP- grupo

M- masculino

M/F – gênero ambíguo predominantemente masculino

MA- mãe

OBJ- indeterminado

ORT- Object Relations Technique

PA- pai

SEGO- superego

SEX- sexual

SOC- social

TRO- Teste de Relações Objetais

VIS- visual

INTRODUÇÃO

Há muito se discute e se reforça a importância de o profissional psicólogo estar ciente das propriedades psicométricas de seus instrumentos, ou ainda, de ser capaz de avaliar a qualidade destes. Para Fachel e Camey (2000) parece que o psicólogo acaba por duvidar da qualidade de seus instrumentos, como também se observa eventual dificuldade de aplicar seus conhecimentos de estatística a situação concreta da avaliação psicológica. Fato que interfere diretamente na elaboração do plano de avaliação, ou seja, na escolha dos instrumentos a serem utilizados, e também com o fechamento da avaliação, pois necessita-se integrar dados diversos a partir de resultados de diferentes formas de instrumentos.

Assim a complexidade envolvida no processo de avaliação psicológica, exige do profissional uma capacidade técnica de selecionar os instrumentos a serem utilizados e também identificar e interpretar informações psicológicas, advindas de um grupo de procedimentos confiáveis, que ofereçam possibilidade de julgamentos adequados sobre o funcionamento psíquico de um sujeito específico (Borges, 2011; Bandeira, Trentini, Winck & Lieberknecht, 2006).

Objetivando assegurar valor aos testes psicológicos o Conselho Federal de Psicologia em 2003, na resolução número 002, regulamentou que os testes psicológicos necessitavam apresentar fundamentação teórica, bem como, informações precisas que evidenciem os estudos de validade e fidedignidade sobre os escores obtidos nos testes e, ainda os procedimentos utilizados na investigação. No que se refere aos dados estatísticos, o instrumento deve apresentar os sistema de correção e interpretação dos escores, para uma maior especificação da lógica que o fundamenta. É neste contexto que o conceito de validade tem sua maior representatividade, tornando-se essencial para a construção e adaptação dos instrumentos.

A questão das medidas em psicologia se depara com um grande fator ansiogênico, a estatística. Esta tão necessária para o estudo dos comportamentos, e está presente na sociedade desde a antiguidade, porém sua função na época era de enumerar homens e seus bens, com fins puramente administrativos ou militares (Vendramini, 2007). É a partir do século XVIII que a estatística começa a tornar-se ciência com a criação de uma escola na Alemanha e outra na Inglaterra. E no século XIX inicia-se a instauração de congressos internacionais de estatística que propunham uma nova metodologia e um melhor uso de sua técnica. E enfim em 1938, que foi criado o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que contribui com a elaboração dos índices econômicos e sociais do governo brasileiro (Pasquali, 2010).

Logo a estatística permite mensurar a realidade, valendo-se de eventos empíricos, que por meio de representações numéricas apoiam-se em interpretações teóricas que modulam a realidade. O início do desenvolvimento da psicometria foi realizado por profissionais com formação acadêmica em estatística como Charles Spearman e sua teoria bifatorial da inteligência, entre outros trabalhos datados do início do século XX que facilitaram a demanda por construções de testes psicológicos. Associados a outros teóricos passaram a ser conhecidos como análise fatorial. A avaliação psicológica não é uma atividade recente, desde o início do século XIX, existem registros de que instrumentos de avaliação rudimentares eram empregados e utilizados na Europa e na América do Norte pelos chamados psicofísicos. Anastasi e Urbina em 2000 colocam que os instrumentos utilizados na avaliação psicológica são ferramentas que contribuem efetivamente em várias áreas da vida cotidiana. O objetivo maior da avaliação psicológica consiste em medir diferenças e reações entre sujeitos, ou o mesmo indivíduo em situações diferentes. Não esquecendo da importância de se ter conhecimentos básicos do conteúdo psicométrico de cada teste para a tomada de decisão seja feita de maneira correta e precisa.

Como psicólogos devemos saber que validade se refere a verificar se o instrumento mede o que propõe medir, considerando o que ele mede e através de que conceitos ele mede. Já a fidedignidade se refere a estabilidade no tempo e ao problema de consistência interna da escala. Agora a validade se subdivide em vários

subitens, que se modificam dependendo do autor abordado, Anastasi (1988) subdividiu em validade relacionada ao conteúdo, validade relacionada ao critério e validade relacionada ao constructo - e a partir destes surgem tantos outros. Fidedignidade ou precisão, como queira chamar, cobre aspectos diferentes de um teste, mas todos eles se referem a quanto os escores de um sujeito se mantêm idênticos em ocasiões diferentes, por isso a fidedignidade de um teste está intimamente ligada ao conceito de variância erro, sendo este definido como variabilidade nos escores produzidos por fatores estranhos aos constructos, como refere Pasquali (1996). Vários métodos podem ser empregados para verificar fidedignidade: teste-reteste; formas paralelas, das metades; coeficiente de consistência interna, e mais especificamente relacionado aos testes projetivos a concordância entre juízes.

Os procedimentos de validação utilizados na investigação de testes do tipo psicométrico não se aplicam exatamente da mesma forma, às técnicas projetivas. As técnicas projetivas não exploram uma variável única, descrevendo o sujeito de modo dinâmico com variáveis que se interrelacionam. Buscar a validade desta técnica não trata-se de uma verificação de grau com que se manifesta uma variável (Pasquali, 2010).

Portanto, a validação de técnicas projetivas não se trata de fenômenos facilmente mensuráveis, como coloca Fensterseifer & Werlang (2011) até porque o que interessa são as configurações presentes, e não necessariamente as quantidades. Ressalta-se que a validade das interpretações deve ser considerada a partir da teoria, erguida sobre observações clínicas anteriores, e sua fidedignidade só é possível com base no domínio dos conhecimentos teóricos, da experiência clínica e do desenvolvimento mental de quem se propõe a avaliar.

Todos estes aspectos reforçam a idéia de que a garantia de cientificidade dos instrumentos psicológicos deve embasar-se em pesquisas empíricas sobre a validade, com a aplicação de métodos científicos adequados (Boorsboom, Mellenbergh & van Heerden, 2004; Primi, Muniz & Nunes, 2009; Nunes & Primi, 2010). Primi, Muniz e Nunes (2009) destacam que, se um instrumento não possui validade não é possível saber se as suas respostas indicam efetivamente as

características da pessoa, sempre lembrando que instrumentos se baseiam na teoria do traço latente, que entende que os construtos psicológicos só são passíveis de investigação através dos comportamentos que os representam.

Sendo assim, a validade verifica se determinado construto psicológico está adequadamente representado, numa porção de itens ou questões, que constituem um teste. Em função desta premissa teórica fundamental, fica evidente que sem estudos de validade, não há segurança de que as interpretações sobre as características psicológicas dos sujeitos, sugeridas por suas respostas na testagem, sejam legítimas e representantes adequados do traço que o teste pretende medir. Nessa situação, não se tem certeza sobre o que o instrumento psicológico efetivamente avalia e, portanto, o seu emprego na prática profissional pode ficar impedido, tanto ética quanto tecnicamente (Borges, 2011).

O Teste de Relações Objetais (TRO) desenvolvido por Herbert Phillipson (1955), baseia-se no pressuposto de que o modo com que uma pessoa percebe o mundo que a cerca tem coerência dinâmica com seu modo de manejar as relações humanas em qualquer situação com que enfrente, e que o resultado de qualquer interação com o meio refletirá também os processos dinâmicos pelos quais expressa e regula as forças inconscientes e conscientes que operam no manejo dos temas envolvendo relações objetais inerentes a essa situação (Phillipson, 1976).

Mostra-se, portanto, de vital importância para a criança a qualidade das relações estabelecidas com seus pais/cuidadores para a construção do conceito de *self*. A representação de si se estruturará como equilibrada, autoconfiante, com adequada e positiva imagem de si e dos outros, e com boa relação interpessoal à medida em que for construída a boa relação de trocas e cuidados entre o indivíduo e seus progenitores (Andrade & Angerami, 2001; Polaino-Lorente, 2004, Sopezki, 2007).

Portanto, o TRO elaborado em meados dos anos de 1950, e reorganizado em 2002 por Martin A. Shaw, propõe uma avaliação da personalidade, a partir da teoria das relações objetais de Melanie Klein e William Fairbairn. Operacionaliza a correção embasada em uma matriz que entrecruza três séries (A,B,C), que representam três fases da vida, respectivamente: infância, latência e vida adulta,

com a possibilidade de quatro configurações relacionais (1 pessoa, 2 pessoas, 3 pessoas e grupo). Avaliam-se 12 lâminas com figuras e uma lâmina em branco, em cada narrativa busca-se identificar os sujeitos e objetos, ações/conflitos, implementação ou bloqueio da ação, afetos, defesas envolvidos, bem como as variações na percepção do estímulo. Após o exame dos relatos do testando, se estrutura uma planilha das informações de cada item analisado em cada história, a fim de que o avaliador possa se aproximar o máximo possível dos dinamismos de personalidade verdadeiros do testando ao produzir a síntese final. Estas operacionalizações descritas por Shaw (2002) foram baseadas em estudos realizados nos anos de 1980 e 1990, entre eles o de Lis, Basile e DeZordo (1988) em que avalia diferentes formas de simbolização em pacientes com psoríase comparados a esquizofrênicos; e o de Mampaso & Espada (1986) que analisou respostas características de mulheres diagnosticadas com histeria; ou ainda, de DeJubani (1991) analisando defesas primitivas em pacientes borderline; e uma importante contribuição foi de Elkan (1988) com o artigo intitulado “*Scoring Systems for the ORT*” em que conclui que com base nos atuais sistemas de pontuação, o TRO parece mostrar sensibilidade considerável a características de personalidade, doenças psiquiátricas, estado delinqüente, capacidade de participar verbalmente em grupos terapêuticos, propensão ao comportamento agressivo e nível de desenvolvimento na adolescência.

Considerando todos estes aspectos, a presente Tese traz como proposta o estudo de evidências de validade do Teste Relações Objetais (TRO). Cabe salientar que este estudo integra um projeto maior que compreende a adaptação do TRO para a realidade brasileira, que foi inicialmente projetado e desenvolvido pelo grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), nomeado: “Avaliação e Intervenção do Funcionamento Psicológico Adaptado e Não-Adaptado”, coordenado pela professora Dr^a Blanca Susana Guevara Werlang. Atualmente o projeto, através desta Tese segue em execução sob os cuidados do grupo de pesquisa coordenado pela Prof^aDra^a Margareth da Silva Oliveira, chamado “Avaliação e Intervenção em Psicoterapia Cognitiva”, da mesma Universidade. O projeto maior mencionado foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul (ver Anexo 1). Bem como, o projeto desta tese teve aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS (ANEXO 2), e foi qualificado para execução em janeiro de 2014, sendo a comissão examinadora composta pelos professores Dra. Margareth da Silva Oliveira (Orientadora), Dra. Anna Elisa Vilemor-Amaral (USF), Dra. Leanira Carrasco (PUCRS) e Dra. Mônica Macedo (Relatora).

Assim com base na operacionalização do Projeto de Tese, no estudo do material bibliográfico e na análise dos dados coletados, foi possível organizar três seções, que representam esta Tese de Doutorado. A primeira seção intitulada “Teste de Relações Objetais: Aspectos Teóricos e Práticos” busca esclarecer os aspectos teóricos, construção, aplicação e correção do Teste de Relações Objetais desenvolvido em 1955 por Phillipson mas adaptado por Shaw (2002) quanto a correção, visando uma publicação em um futuro manual do teste. Na segunda seção traz um estudo empírico intitulado “Estudo de Fidedignidade Entre e Intra Avaliadores do Teste de Relações Objetais (TRO), em que do total de 106 casos coletados, foi analisada uma parcela de 50 casos através da correção realizada por três juízes, e destes casos 20 deles foram recorrigidos após 30 dias. Foram realizadas comparações através da estatística KAPPA, dos resultados apontados no protocolo do teste e as comparações indicaram concordância quase perfeita entre e intra juízes. Na seção III apresenta-se o estudo “Teste de Relações Objetais (TRO) em Dependentes Químicos e Individuos com Comportamento Violento”, em que foram comparadas os itens de correção do TRO entre os grupos conforme a adaptação proposta por Shaw (2002) e verificou-se que o instrumento diferenciou os grupos-critério quanto ao número de esquemas, tipos de sujeitos e objetos, ações, implementação ou bloqueio da ação, afetos e defesas, e variação do estímulo.

Cabe salientar que esta Tese de Doutorado contou em seu início com o trabalho de vários pesquisadores e bolsistas de iniciação científica, mas seguiu com os esforços da pesquisadora e de poucas pessoas que interessaram-se em seguir com o projeto de modo voluntário pela curiosidade e companheirismo.

Referências Bibliográficas

- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2003). Manual for the ASEBA Adult Forms & Profiles. Burlington: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artmed.
- Anastasi, A. (1988) Psychological Testinhg, 6 ed. New York: McMillan
- Andrade, D.& Angerami, E. (2001). A auto-estima em adolescentes com e sem fissura de lábio e/ou palato. Rev. Latino-Americana de Enfermagem, 9 (6), 37-41.
- Bandeira, D. R., Trentini, C. M., Winck, G. E., Lieberknecht, L. (2006). Considerações sobre as técnicas projetivas no contexto atual. In: A. P. P. Noronha, A. A. A. Santos, F. F. Sisto (Orgs.). Facetas do Fazer em Avaliação Psicológica (pp. 125-139). São Paulo: Vetor.
- Bisquerra, R., Sarriera, J. C. & Martínez, F. (2004). Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS. Porto Alegre: Artmed.
- Boorsboom, D., Mellenbergh, G. J. & van Heerden, J. (2004). The Concept of Validity. Psychological Review, 111 (4), 1061-1071.
- Bordin, I A., Rocha, M M., Paula, C S., Teixeira, M C T. V., Achenbach, T M., Rescorla, L A., & Silves, E F. M.. (2013). Child Behavior Checklist (CBCL), Youth Self-Report (YSR) and Teacher's Report Form (TRF): an overview of the development of the original and Brazilian versions. Cadernos de Saúde Pública, 29(1), 13-28
- Borges, V.R.(2011) Teste de Contos de Fadas: estudos de evidências de validade. Tese de doutorado. PUCRS.
- Dejubany, H. (1991) H. Phillipson's Object Thecnique in Structural Diagnosis. Bulletin de La societe Du Rorschach et dès methods Projectives de Langue Francaise, 35, 105-116.

- DelPrette, Z.A.P; Rocha, M.M., Silvaes, E.F.M & Del Prette,A. Habilidades Sociales y Transtornos Psicologicos: validez convergente y de critério para YSR e IHSA – Del Pretteen adolescentes de risco. Universitas Psychologica, 11(3), 941-955.
- Elkan, G. (1988). Scoring Siystems for the Object Relations Tecnique. British Journal of Projective Psychology. Vol 33, 1, 138-153.
- Fachel, J.M.G &Camey, S (2000). Avaliação Psicometrica e a qualidade das medidas eo entendimento dos dados. In Cunha. J. A.(org). Psicodiagnostico-V. (pp. 158-170). Porto Alegre: Artmed.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2011). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In: A. E. Villemor-Amaral, B. S. G. Werlang (Orgs.). Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lis, A; Basile, A & DeZordo, M (1988) Different symbolisations ability as revealed by the application of Phillipson's Object Technique: A contribution to the ORT discriminant validity. British JournalofProjectivePsychology, 33(1), 126-137.
- Lucena-Santos, P., & Oliveira, M. S. (2012). Análise da estrutura fatorial das escalas sindrômicas do ASR (Adult Self-Report) na realidade brasileira. Anais do IX Congresso da ALAPCO - Associação Latino-americana de Psicoterapias Cognitivas - Temática: Terapias Cognitivas: Agregando Novos Saberes - Rio de Janeiro.
- Mampaso, P & Espada, A (1986) Analisis de lasrespuestascharacteristicas de una amuestra de sujetos femeninos diagnosticados de histeria produjeran ante el TRO de H.Phillipson. Revista de Psiquiatria y Psicologia Medica, 17(7), 407-433).
- Montero, I. & León O. G. (2005). Sistema de Clasificación Del Método en Los Informes de Investigación en Psicologia. International Journal Of Clinical and Health Psychology. 5 (1), 115-127.
- Nunes, C. H. S. S. & Primi, R. (2010). Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. In: Conselho Federal de Psicologia/CFP (Org.). Avaliação Psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão (pp. 101-127).

Brasília: CFP.

Oliveira, M. S., Santos, P. L., & Yates, M. B. (2011). Evidências de validade do ASR para a realidade brasileira: dados preliminares da análise da estrutura interna. Anais do VIII Congresso Brasileiro de Terapias Cognitivas. Florianópolis.

Pasquali, L. (1996). Teoria e Metodos de Medida em Ciencias do Comportamento. Brasília: UnB: INEP.

Pasquali, L. (2010). A Medida Psicométrica. In Pasquali, L (org). Instrumentação Psicológica (p 104-115). Porto Alegre: Artmed.

Phillipson, H. (1976) Uma breve introducion al Test de relaciones objetales. In Verthelyi, R. F (org). El Teste de Relaciones Objectales de H. Phillipson. Buenos Aires: Nueva Visión.

Phillipson. H. (2010). Test de Relaciones objetales. Buenos Aires: Paidos.

Polaino-Lorente, A. (2004). Familia y autoestima. Barcelona: Ariel.

Primi, R., Muniz, M. & Nunes. C. H. S. S. (2009). Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. In: C. S. Hutz (Org.). Avanços e polêmicas em avaliação psicológica (pp. 243-265). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Raven, J.C. (2003). Matrizes Progressivas: Escala Geral, Séries A, B, C, D e E. Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada.

Shaw, M.A. (2002) Object Relations Tecnique. New York: O.R.T institute.

Sopezki, D. (2007). Relacionamento Primário com a Figura Materna e Autoestima em Mulheres com Transtornos Alimentares. [Dissertação de Mestrado], Porto Alegre: FAPSI/ PUCRS.

Vendramini, C.M.M. (2007) Estatística e Delineamento de Pesquisa. Em M.N. Baptista & D. Campos. Metodologias de Pesquisa em Ciências: Análise Quantitativa e Qualitativa. (pp163-182). Rio de Janeiro: L

OBJETIVOS

Desenvolver estudo de evidência de validade do Teste de Relações Objetais (TRO), colaborando com a versão adaptada à realidade brasileira deste instrumento projetivo, com o intuito de se ter um instrumento confiável para a identificação de aspectos da personalidade.

1.1. Objetivos Específicos

- Verificar se o sistema de categorização de respostas (descrição das variáveis) original pode ser aplicado integralmente às verbalizações dos sujeitos (validade de conteúdo).
- Submeter o sistema de categorização de resposta ao procedimento de fidedignidade entre avaliadores (inter e intrajuizes).
- Desenvolver estudo comparativo visando a contribuição para a evidência de validade de critério baseada na relação com variáveis externas (diagnóstico clínico-psiquiátrico e contexto de violência);

SEÇÃO I- Teste de Relações Objetais: Aspectos Teóricos e Práticos

Em estudos de investigações sociais e culturais sobre as relações interpessoais e intergrupais, se utilizam cada vez mais das técnicas projetivas como método de investigação, pois como instrumentos que geram hipóteses interpretativas, são importantes ferramentas para a identificação de características e traços de personalidade, bem como de sinais e sintomas relacionados a quadros psicopatológicos (Fensterseifer & Werlang, 2011).

Com o desenvolvimento de Métodos Projetivos, após a chamada Psicologia Projetiva (Abt, 1984, Fensterseifer & Werlang, 2011), foram criados diversos instrumentos de avaliação psicológica e, dentre estes, está o Teste de Relações Objetais (TRO), proposto por Herbert Phillipson, publicado em 1955, que tem por objetivo explorar a personalidade com base na teoria psicanalítica das relações objetais inconscientes, sendo descendente do TAT e do Método de Rorschach, embora seu referencial teórico seja influenciado por Melanie Klein e por William Fairbairn (Phillipson, 2010).

A teoria das relações objetais refere-se às formas de interação que ocorrem entre os sujeitos e seus objetos, e o modo como se influenciam reciprocamente. Seria o relacionamento entre pessoas reais externas e imagens e resíduos internos relacionados a elas e os significados destes para o funcionamento psíquico. Esses resíduos internos são formados desde o nascimento a partir de relações com pessoas importantes na vida do indivíduo e podem ser averiguadas pela qualidade e pelas características das interações estabelecidas durante todo o ciclo de vida humano (Werlang, Wasserman, Lima & Coronel, 2012; Greenberg & Mitchel, 1994).

A teoria das relações objetais inconscientes foi desenvolvida principalmente por Melanie Klein (1978) e por William Fairbairn (1952) utilizando como base a psicanálise de crianças pequenas associado a uma longa experiência com adultos, segundo Phillipson (2010). Ambos atentaram-se a concepção de objeto em sua relação com o sujeito e vice-versa. A perspectiva de um mundo interno de objetos formado a partir de identificações ao ego ou às suas partes cindidas compõe o fundamento de suas teorias, embora suas concepções possuam diversidades (Werlang, Wasserman, Lima

& Coronel, 2012).

Para Melanie Klein duas polaridades regem a vida psíquica: a pulsão de vida e a pulsão de morte. As fantasias seriam correlatos de impulsos afetivos ambivalentes dirigidos a seus objetos de amor e ódio, pulsão de vida e de morte respectivamente. E algumas defesas são descritas como empenhadas na contenção destes impulsos, como a cisão, a negação, a idealização, a recusa e o recalçamento. O que faz com que o nosso modo primitivo de se relacionar mantenha-se inconsciente, negado, reprimido e irreconhecível durante nossa vida. Então, segundo Melanie estas fantasias inconscientes de desejo e angústia só se transformam em algo tolerável e enriquecedor, trazendo benefícios, através da simbolização (Cintra & Figueiredo, 2008).

Já para Fairbairn, argumentava que as suposições fundamentais e os suportes conceituais da teoria da libido e da teoria do desenvolvimento psicosssexual representavam ênfase mal colocada e equívocos básicos quanto a motivação e experiência humana. Acreditava o autor que as suposições básicas da teoria pulsional são enganosas, focalizando o seu desacordo com teoria pulsional em dois princípios básicos, de que a libido não busca prazer, mas o objeto; e que o impulso é inseparável da estrutura (Greenberg & Mitchell, 1994). O processo de desenvolvimento da personalidade define-se como desenvolvimento da relação de objeto (Celes, Alves & Santos, 2008).

Teste de Relações Objetais (TRO)

Logo após a Segunda Guerra Mundial, Phillipson (Shaw, 2002) propôs criar uma ferramenta de avaliação composta por obras de arte originais de acordo com novas especificações de seu próprio projeto, envolvendo a Teoria das Relações Objetais e desenvolvidos no Institute Tavistock. Tinha como objetivo criar imagens de figuras humanas indeterminadas com sutileza e suavidade que deveriam proporcionar uma amplitude máxima para individualidade de respostas e ao mesmo tempo, serem passíveis de representar um ambiente relacional num momento chave do desenvolvimento do ponto de vista psicanalítico. Para que fossem desenhadas, contou com o apoio de duas artistas Olga Dórmondie e Elisabeth Carlisle que desenharam os doze fotolitos das lâminas do TRO, há relatos mais específicos apenas de que

a lâmina C1 foi uma adaptação da ilustração de “cottage” de Vercors para a edição de luxo do filme “Le Silence de Mer” de 1947 (Phillipson, 2010); e que a lâmina CG seria uma adaptação de uma fotografia do filme de Eisenstein “El Acorazado Potemkin” (Verthelyi, 1976). Logo após sua primeira publicação do TRO, não houve uma grande repercussão e acabou que nos anos de 1970 deixou de ser impressa.

O poder dos materiais de Phillipson foi, no entanto, reconhecido por uma série de pesquisadores, incluindo o Dr. Shaw e seu colega James Bagby, este que havia utilizado as lâminas do TRO com sucesso na década de 60 e 70, não apenas para a avaliação individual, mas como um método de avaliação da eficácia do tratamento. A partir desta união se estruturou uma nova forma de categorização do TRO descrita no artigo *“The Object Relations Technique: Contribution to a generalised conceptual framework with special reference to the Bagby Adaptation”* (Shaw, 1988)

Assim, percebendo a necessidade de uma reedição das lâminas, a partir de sua construção original, por vários anos, Shaw e uma equipe de técnicos na área de imagem computadorizada e processamento sob a supervisão de Phillipson – realizaram a construção de numerosos pilotos de cada lâmina, até a aprovação final. Uma nova edição padrão e totalmente autorizada das lâminas TRO foi trazido para conclusão em 1990, após a morte de Phillipson (Shaw, 2002).

O Teste das Relações Objetais (TRO), foi construída segundo o modelo operativo do TAT (representação pictórica de uma situação psicossocial, relato de uma história, análise e interpretação) e pode ser considerado como um descendente do Teste de Apercepção Temática (TAT), integrando alguns elementos do Método de Rorschach, segundo Phillipson (2010). Porém as características estimulantes do TAT e do Rorschach deram a este instrumento uma nova sensibilidade, um caráter próprio e uma posição privilegiada dentro do instrumental projetivo. Ocampo e Arzeno (1985) referem que o TRO encontra-se situado entre as técnicas de estimulação visual e produção verbal.

A principal contribuição do TAT reside no material pictórico e a produção de histórias que estão diretamente vinculadas com as relações entre as pessoas,

e trata-se também de um meio, tanto para o sujeito como para o psicólogo, de comunicação direta sobre as maneiras em que o sujeito percebe as relações humanas e papel que desempenha nestas. Já a principal contribuição do Rorschach aloca-se na ênfase posta nas idiosincrasias contidas na percepção do sujeito frente o material que se apresenta. No uso de ambos, TAT e Rorschach, os investigadores enfatizam em maior ou menor grau a análise das características formais da produção do sujeito ao mesmo tempo em que tentam dar significado dinâmico ao seu conteúdo (Verthelyi, 1976).

Com o objetivo de representar figuras sombreadas, em penumbras ou em silhuetas, sem face, nem expressão, nem movimento, Phillipson conseguiu fusionar o poder de dramatização sugestiva que tem as cenas do TAT com a neutralidade temática do Rorschach, ou seja, conciliou o movimento interno do sujeito com o estatismo externo das coisas, obtendo um estímulo com particular inestruturação (Phillipson, 2010)

A principal ideia de Phillipson, segundo Rosa e Silva (2005), era a possibilidade de um olhar cuidadoso sobre a gênese da experiência interpessoal desde a tenra infância, sua evolução e influência dinâmica na personalidade da pessoa adulta.

A hipótese básica é de que a pessoa percebe dinamicamente o mundo que a rodeia, e esta percepção é coerente com a forma com que esta se conduz, em qualquer situação humana que enfrente. Portanto, em qualquer tipo de interação com seu meio refletirá também os processos dinâmicos através dos quais expressa e regula as forças conscientes e inconscientes que operam em sua interação com a situação (Ocampo & Arzeno, 1985)

A personalidade dentro da teoria das relações objetais (O-R) é uma construção da dinâmica mental, da forma como o sujeito interage com os seus objetos originais de desejo. Os desajustamentos na adultez são geralmente considerados como falhas destas primeiras relações, e não importa, segundo Shaw (2002), que tipo de treinamento que o sujeito irá buscar tentando incorporá-la em sua constituição psicológica a perturbação tende a ressurgir, substituindo toda a experiência subsequente, pelo que foi aprendido inicialmente nestas áreas afetadas

Material e Procedimentos para Administração do Teste de Relações Objetais (TRO)

O TRO conta de treze lâminas, distribuídas em três séries de quatro lâminas ilustradas cada, mais uma lâmina em branco. Cada uma das séries, denominadas A (infância), B (latência) e C (adulterez), respectivamente apresentam situações de relações objetais básicas: situações de uma pessoa, duas pessoas, três pessoas e situações de grupo. As quatro lâminas da série A apresentam-se da seguinte forma: A1, A2, A3, e AG e do mesmo modo se processará com as séries B e C (Shaw, 2002; Phillipson, 2010). As lâminas operam como estímulos que tendem a evocar relações interpessoais conflitivas. As séries estão relacionadas ao nível de desenvolvimento humano, segundo Shaw (2002), conforme segue:

Série A: as imagens desta série representam o mundo rudimentar da infância, usa de grafias suavemente difusas e texturizadas para refletir as primeiras necessidades de contato-aconchego, numa perspectiva visual (distal) dos objetos em si. Há uma ausência subtotal de conteúdos da realidade, mas não deixando de haver a presença de figuras humanas. Os ambientes são definidos em tons de claros e escuros. Enfoca-se em uma esfera de dependência inicial, suas lutas imanentes, suas incertezas e as pressões para se adaptar. A infância é considerada aqui no período que compreende desde o nascimento até o início da latência.

Série B: as imagens contêm menos texturas, as figuras humanas são desenhadas com sombreado bem mais escuro para dar impressão de profundidade. Nesta série as figuras humanas estão localizadas em ambientes físicos atuais, mas ambíguos. A composição dos conteúdos ambientais também é definida por seus contornos. Nesta série se reflete o foco da latência, há uma representação da lógica concreta, autoridades e controles, representado por fronteiras nítidas e contraste com limites inflexíveis do objeto. Em oposição à infância há uma ênfase no que é real e correto, há uma preocupação maior de um ego e superego em formação.

Série C: imagens refletem um ambiente maduro com figuras indeterminadas

em situações domésticas fechadas, com o parceiro, ou discussões familiares, ou por outro lado, confrontações de nível social ou em multidão. Este é o mundo adulto em efeito, na cor e em determinado detalhe emblemático. A textura nesta série é articulada e ousada, ela ajuda a visualizar as necessidades maduras e oportunidades de contato que tomam forma na adolescência. A utilização da cor como parte essencial de sua apresentação, com áreas cromáticas especiais que se propõem operar como um forte desafio emocional.

Quanto às configurações relacionais nas séries A, B e C, é possível inferir que as lâminas que envolvem uma pessoa abordam o sujeito solitário e o senso de *self* real apresentado em cada nível. Já nas lâminas com duas pessoas, as imagens evocam experiências, em cada nível, da díade básica, isto é, o *self* e a mãe. Nas lâminas com três pessoas, as imagens remetem à rivalidade, aos primeiros desafios para a substituição da relação maternal. Por fim, as lâminas envolvendo grupos, em que as imagens levam o examinando a revelar interações com as comunidades e associações de pessoas, a fim de afirmar um senso de liderança, sociedade ou o contrario disto. O grupo na TRO significa simplesmente três ou mais pessoas em que não se consegue diferencia-las individualmente (Shaw, 2002)

Cada uma das doze lâminas do TRO representam, segundo Phillipson (1976), estímulos desencadeantes de alguns temas, como apresentado no quadro1:

Quadro 1. Lâminas como estímulos desencadeantes geradores de temáticas:

Laminas	Temas
A1	Dependências, difusão, sensação de incerteza, temor do desconhecido
A2	Fantasias de estreito contato corporal, idealização
A3	Forma como o sujeito lida sendo rival frente a autoridade
AG	Frieza, sentimento de perda
B1	Privação, solidão
B2	Relação heterossexual, ameaça ou restrição da relação do casal
B3	Rivalidade, intrusão, culpa
BG	Solidão, exclusão do grupo
C1	Confiança nos objetos bons, ansiedade sobre aspectos maus e destrutivos
C2	Dano, responsabilidade, esforço para reparação
C3	Conflitos triangulares, aspectos agressivos
CG	Desafia ou é desafiado por autoridade
Branca	Mundo construído pelo sujeito com maior gratificação e menor ansiedade

Quanto aos procedimentos para administração do TRO, são dadas as seguintes instruções ao examinando, podendo adaptá-las de acordo com a situação ou idade do sujeito: *“Vou lhe mostrar uma série de 13 lâminas, uma de cada vez e você deverá contar uma breve história para cada uma delas. Estas lâminas contem cenas e nem todas as pessoas a veem do mesmo jeito. Não*

existem respostas certas ou erradas, o que importa é a sua imaginação. A maioria das pessoas vê pelo menos uma figura humana em cada cartão. Cada história deve conter o que está acontecendo na cena, o que ocasionou esta situação e o que acontecerá depois, ou seja, como termina. Você deve contar uma história completa, pense que a ação é o mais importante. As pessoas que aparecem nas lâminas estão fazendo algo e também podem estar pensando, sentindo ou dizendo várias coisas. Comece a contar a história somente quando alguma cena em particular surgir na sua mente. Primeiro faremos uma como exemplo e depois continuaremos com as outras”.

Na aplicação da 13ª lâmina, ou seja, a lâmina branca faz-se necessário complementar a instrução, da seguinte forma: *“Agora vou te mostrar a última lâmina. Ela é diferente das outras, é preciso que você imagine que tipo de cena poderia estar representada. Faça uma descrição da cena e imagine uma história. Como nas lâminas anteriores explique o que está acontecendo, o que aconteceu antes e o que vai acontecer depois”.*

Segundo o livro “The Object Relations Technique” de Martin A. Shaw (2002), que explica os procedimentos de administração e análise do TRO, as histórias podem ser escritas pelos examinandos ao invés de verbalizadas, porém este aspecto limitaria a aplicabilidade da técnica, pois necessitaria um grau mínimo de escolaridade dos mesmos.

Já a ordem de administração, organizada aleatoriamente por Phillipson em 1955, e reproduzida até então, é a que segue: A1(1); A2(2); C3(3); B3(4); AG(5); B1(6); CG(7), A3(8); B2(9); BG(10); C2(11); C1(12); BRANCA.

A orientação inicial de Phillipson, em 1955, é de que o inquérito das histórias, quando necessário, fosse realizado após o término da aplicação de toda a técnica, ou seja, após a narrativa das 13 histórias. Porém, atualmente, os inquéritos são em sua maioria feitos logo após a narrativa de cada história, mas sempre enfatizando que não se faz necessário a ocorrência deste em cada uma delas (Phillipson, 2010; Shaw, 2002; Rosa, 1995).

Análise e Interpretação do Teste de Relações Objetais (TRO)

A análise e interpretação das histórias descritas no livro “Test de

relaciones objetales”, Phillipson (2010) orienta que as histórias produzidas conduzem a análise. Propõe que os relatos das histórias sejam analisados segundo os processos principais com respeito a cada uma das situações sociais que representam as três séries de lâminas (A, B, C). Num primeiro momento avaliam-se os aspectos manifestos e num segundo momento o sistema tensional inconsciente dominante, conforme Quadro 3.2. Ainda, considerando as três fases do processo dinâmico contido no sistema tensional (desejos, medos, defesas), Phillipson analisa/classifica o equilíbrio adaptativo do ego, ou seja, o quanto de liberdade resta ao sujeito para fazer relações positivas e satisfatórias (ver Quadro 3).

Quadro 2. Principais aspectos analisados nas histórias (respostas) do TRO.

Lâminas TRO	Aspectos Manifestos	Conteúdo Humano	Personagens
			Papéis
			Relações
		Conteúdo de Realidade	Etapas
			Detalhes
			Sombras
	Sistema Tensional Inconsciente Dominante	Contexto Real	Cor
		Relações Desejadas	Desejos
		Consequências Temidas	Medos
	Esforços Defensivos	Defesas	

Quadro 3. Classificação do Equilíbrio Adaptativo - TRO

Classificação	Significado
(0)	Equilíbrio mantido, ou seja, as defesas são eficazes na medida em que faz frente a ansiedade vinculada a consequência temida, mas sem liberdade para relações positivas.
(-)	Equilíbrio não mantido, as consequências temidas dominam as relações.
(+)	equilíbrio mantido e liberdade alcançada para certa medida de relações positivas.
(- -) e (+ +)	podem ser usados para maior discriminação da intensidade.
(0-) e (0+)	podem ser usados para indicar uma tendência que apresenta resultados positivos ou negativos num determinado aspecto.

Este modo de levantamento e análise para o TRO desenvolvido por Phillipson, no manual argentino, é bastante difundido nos grupos de estudiosos da TRO neste mesmo país (Grassano, 1996, Ocampo & Arzeno., 1985, Verthelyi, 1976).

Baseado nos estudos originais do teste e com o apoio de estudiosos argentinos, o Brasil também apresenta um grupo bastante renomado de estudiosos do TRO, que teve início na década de 1980, e tem se desenvolvido através do incentivo do pesquisador Prof. Dr. Jose Tolentino Rosa. A partir de 1988, este autor ampliou a compreensão do instrumento, oferecendo uma classificação numérica àquela de Phillipson, resultando em melhor compreensão do equilíbrio egóico, obtida nas histórias. Em 1995, o grupo de pesquisa liderado por Rosa lançou o livro “Atualizações clínicas com Teste de relações Objetais de Phillipson” (Rosa & Silva, 2005).

Desde então vários estudos com este novo formato agregado ao original,

vem ganhando espaço em pesquisas de diversos temas, como transplante cardíaco (Tamagnini, 2009); adolescência e gravidez (Rodriguez, 2005); depressão e câncer de mama (Laurenti, 2005) entre outros. Muitos destes compilados no livro de Rosa e Silva intitulado “Desenvolvimento na Prática Clínica com o Teste de Phillipson” (2005).

Mas, paralelamente, na década de 1980, em New York, Martin A. Shaw, inicia seu trabalho junto a Herbert Phillipson, e foi escolhido por este para deter toda a responsabilidade pelo futuro das lâminas da TRO, sua conservação e seu controle de qualidade. Foi a partir do trabalho de Shaw utilizando lentes especiais que as lâminas de estímulo foram impressas em um novo padrão e em uma nova edição autorizada pelo ORT Institute foi lançada. Além disto, criou-se um novo manual do TRO em 2002, intitulado “The Object Relations Tecnique: assessing the individual”, descrito como um dos primeiros sistemas completos e operacionalizado para trabalhar com o TRO.

Shaw (2002) faz notar que o TRO, em seu princípio, não teria a pretensão de responder aos atuais padrões de construção de testes. Não foi construído por Phillipson com o intuito de fornecer pontuações sobre as relações objetais das pessoas, mas sim para uma pessoa em tratamento psicológico. Então, a análise das histórias e como elas foram construídas, o conteúdo emocional e o tipo de relações representadas podem fornecer informações valiosas sobre uma pessoa. Apesar destas dificuldades potenciais, a validade e confiabilidade do TRO têm sido apoiadas por estudos com relatos de altos níveis de concordância entre avaliadores, como em estudo desenvolvido em 1991 por Dejubany, quem associa o TRO ao diagnostico estrutural; ou ainda estudo de Koski, Holmberg e Torvinen em 1987, associando TRO à avaliação de pacientes com diabetes na adolescência, e aquele de Magge (2007) associado ao Transtorno Autista.

Elkan (1988) observa que não há estudos sobre possíveis efeitos da inteligência, classe social, diferenças culturais e de educação sobre o desempenho do TRO e refere que provavelmente este fato ocorra, pois as aplicações do TRO foram em princípio muito utilizadas em contexto de tratamento e não foram publicadas.

Descreve-se a seguir a operacionalização da classificação e análise do TRO elaborado por Shaw (2002, p. 13), que organiza o material em cinco passos para a correção:

Passo 1: Redução de cada história a uma única frase

Passo 2: Análise sintática de cada frase convertendo em sequências e resultados

Passo 3: Classificação de cada sequência para extrair o esquema final essencial

Passo 4: Classificação dos afetos e defesas associado a cada esquema

Passo 5. A classificação, por último, da chamada *variação de estímulo* (VE)

Cada uma das doze histórias, portanto, passa por uma série de reduções que progridem, de alguma forma, da linguística (Passo 1), para uma análise da natureza psicolinguística (Passo 2) até chegar a formulações psicodinâmicas nos Passos 3 e 4. Contudo, os dois primeiros passos envolvem um pouco mais do que uma simples língua e senso comum. O próprio Passo 5 é operacionalizado de forma distinta dos anteriores.

As diversas pontuações obtidas para cada história são reunidas para formar o Modelo R-O final para aquela história. Cada modelo envolve, no máximo, três esquemas, juntamente com listas resumidas de afetos e defesas definidas que devem ser associadas a cada esquema. Nesse contexto, esquema significa *estrutura de ação*. Quando a ação é *relacional, orientada a objetos*, a consideramos como axiomática.

Ao fim, os doze Modelos R-O serão transcritos em uma Planilha para mostrar um panorama, o mais preciso possível, do desenvolvimento relacional único e da formação da personalidade do sujeito em avaliação.

Cada uma das doze histórias do TRO é, primeiramente, resumida para remover todos os elementos que não são essenciais, como (a) redundância, (b) mera retórica e (c) narrativa à parte, ao mesmo tempo em que se tenta o máximo possível conservar a maneira precisa com que cada narrativa foi expressa. Cabe ressaltar que a redução final deve conservar o que chamamos

de "partes evidentes", que se trata de uma transcrição original de um trecho mínimo da narrativa, a qual identifica-se através de um grifo.

Dessa forma, é possível extrair uma única frase que engloba o ponto principal e dinâmico da história, sua essência narrativa real, e reforça-se a fidelidade com os dados originais. A exigência rigorosa de que a redução da história contada seja transformada em uma única frase guiará o trabalho analítico deste primeiro passo. *“A frase única é uma unidade profunda de representação em palavras, devido a sua economia, capacidades expressivas e restrições estruturais”* (Shaw, 2002, p.14).

O autor enfatiza a importância de converter as histórias que estiverem em voz passiva para a ativa, já que o importante neste modelo é a ação realizada pelo sujeito (Shaw, 2002).

No passo 2 essa variação do padrão de análise sintática, perguntamos *Quem? Faz o quê? Para quem? Está bloqueado ou implementado?* e, por último, *Com que resultados?* Os esquemas finais são baseados apenas em sequências da análise sintática. O *que* foi chamado de "resultados" não tem um papel aqui, mas sim no Passo 4, quando os afetos e defesas relacionados recebem a classificação.

A classificação final de uma sequência começa pela categorização de cada sujeito e objeto que aparece naquela sequência como um dos nove tipos possíveis, o sujeito geralmente é o personagem em que o examinando está identificado inicialmente. Cada um pode ser literal ou simbólico (SIM), ou seja, a representação de um sujeito ou objeto original por uma imagem substituta ou uma metáfora.

A redução analítica final de uma sequência de análise sintática prossegue com a categorização de sua ação única: um elemento como um dos seis modos: visual, oral, anal, sexual, social, destrutivo; cada um deles tem a possibilidade de uma representação simbólica.

Já sucesso ou fracasso de uma ação é simplesmente registrado como implementado ou bloqueado na análise sintática e não é necessário mais uma

redução. Ao basearmos os Modelos R-O para cada história, essa determinação binária é representada por alguns sinais ad hoc (: e |) para sugerir, respectivamente, um canal de ação aberto ou fechado.

É com a classificação dos afetos e das defesas que a análise sintática dos "resultados" entra em ação, embora os afetos e as defesas nem sempre sejam identificados apenas com a análise dos resultados. Muitas vezes com os afetos, e quase sempre com as defesas, uma revisão do todo da configuração da análise sintática (sequência + resultados) será necessária. Os afetos são distribuídos em 31 possibilidades, enquanto as defesas se dividem em cinco defesas primitivas: introjeção/identificação; projeção; negação; onipotência e idealização; e 8 defesas repressivas: conversão/dissociação; formação reativa; humor; ritual/anulação; isolamento; justificação; sublimação e repressão. Em separado o autor coloca a defesa deslocamento, que, segundo Shaw (2002), não se encontra em nenhum dos dois grupos especificamente, bem como a regressão/retraimento.

A variação de estímulo, independentemente dos Passos 1 a 4, aborda desvios perceptuais do número padrão de personagens humanos em cada lâmina -- uma personagem em cada uma das lâminas de 1 pessoa, duas em cada uma das lâminas de 2 pessoas, e assim por diante até G ou série de grupo. Os desvios são tomados como um tipo de sinal de que as funções de realidade do sujeito sob análise foram significativamente comprometidas no(s) cenário(s) relacional(ais) em questão.

Após realizado o levantamento das 12 lâminas, desde 1955, Phillipson não tabulava a correção da lâmina branca, pois a considerava como um evocativo da relação de testagem, não representando algo significativo ao modelo R-O, elabora-se uma planilha completa, envolvendo a correção das três séries (A,B,C) em suas quatro configurações relacionais. Através das frequências de cada um dos itens analisados associado ao nível que se refere, é possível elaborar o que o autor chama de 'diagnóstico', mas se expressa através de uma compreensão dinâmica da personalidade embasada no referencial teórico das relações objetais (Shaw, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Teste de Relações Objetivas, criado por Phillipson, teve, como já referido, seu início em ambiente clínico, coletas em consultório, com o objetivo de além da avaliação clínica, utilizá-lo como um desencadeante de temas a serem trabalhados em psicoterapia, ou ainda de avaliar a eficácia na realização desta (Phillipson, 2010). Com isso, acabou tendo como característica uma falta de publicações científicas que garantissem seu arcabouço teórico.

Particularmente estruturado para avaliar cada sujeito em sua singularidade, não houve preocupação em realizar grandes estudos de validade e fidedignidade. A partir da década de 1980 iniciaram-se esforços neste sentido, muito necessários para a utilização do TRO nos tempos atuais, em que o cuidado com os instrumentos de avaliação psicológica ganham força, na implementação da garantia dos dados avaliados e na segurança do profissional psicólogo.

Referencias Bibliográficas

- Abt, I.E (1984) Uma teoria de la psicologia proyectiva. In L.E. Bellak, Psicologia Proyetiva: enfoque clinic de lapersonalidad total (pp. 37-59). Buenos Aires: Paidós
- Celes, I. C; Alves, k. C. M & Santos, A. C. G. (2008). Uma Concepção Psicanalítica de Personalidade: Teoria das Relações Objetais de Fairbairn. Psicologia em Estudo. 13,(1), 53-61.
- Cintra, E.M. & Figueiredo, L.C. (2008) Melanie Klein. São Paulo: Publifolha.
- Dejubany, H. (1991) H. Phillipson's Object Thecnique in StructuralDiagnosis.Bulletin de lasociete du Rorschach et des methodsProjectives de Langue Francaise, 35, 105-116.
- Elkan, G. (1988). Scoring Siystems for the Object Relations Tecnique. British Journal of Projective Psychology, 33, 1, 138-153.
- Fairbairn, W.R.D. (1952). Psycho-analitic studies of personality.Londres: TavistockPublications.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2011). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In: A. E. Villemor-Amaral, B. S. G. Werlang (Orgs.). Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Grassano, E. (1996) Indicadores Psicopatológicos nas Tecnicas Projetivas. São Paulo: Casa do Psicologo.
- Greenberg, J. & Mitchell, S. (1994). As relações objetais na teoria psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Klein, M. (1978) Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê. (217-289). In Klein, M; Heimann, P; Isaacs, S e Riviere, J. (org) Os Progressos da Psicanálise. São Paulo: JC Editora.
- Koski, M; Holmberg, R & Torvinen, V. (1987) Alexithymia in juvenile diabetes. Psychiatria Fennica.
- Laurenti, M.A. (2005) Depressão e Câncer de Mama: Um estudo por meio do Teste de Relações Objetivas de Phillipson. In Rosa, J.T.; Silva, J. Desenvolvimentos na prática clínica com o Teste de Phillipson. São Paulo: Vetor.
- Magee, D.C. (2007). Using the Object Technique with autistic spectrum disorder children to reveal their experience of relationships. Tese. University of Hertfordshire.
- Ocampo, M.L.S & Arzeno, M.E.G. (1985) O teste de relações objetivas de Herbert Phillipson. (p.121-178) In Ocampo, M.L.S. O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas. São Paulo: Martins Fontes.
- Phillipson, H. (1976) Uma breve introdução ao Teste de relações objetivas. In Verthelyi, R. F (org). El Teste de Relaciones Objectales de H. Phillipson. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Phillipson, H. (2010). Teste de Relações Objetivas. Buenos Aires: Paidós.
- Rodriguez, A.C.R. (2005) Adolescência e Gravidez à Luz das Relações Objetivas. In
- Rosa, J.T. (1995) Atualizações Clínicas do Teste de Relações Objetivas de Phillipson. São Paulo: Lemos

Rosa, J.T. & Silva, J. (2005) Desenvolvimentos na prática clínica com o Teste de Phillipson. São Paulo: Vetor.

Shaw, M.A. (2002) Object Relations Tecnique. New York: O.R.T institute.

Tamagnini, E.J.G. (2009). Transplante Cardíaco: Sistema Tensional Inconsciente Dominante e Diagnóstico Adaptativo Operacionalizado de mulheres candidatas a enxerto. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

Verthelyi, R. F (1976). El Teste de Relaciones Objectales de H. Phillipson. Buenos Aires: Nueva Visión.

Werlang, B.S.G; Wasserman, V; Lima, G.Q & Coronel, M.K. (2012) Relações Objetais nas Teorias de Sigmund Freud, Melanie Klein e William Dodds Fairbairn. In M. Macedo e B. Werlang (org). Psicanálise e Universidade (p. 400-413). Porto Alegre:EDIPUCRS.

SEÇÃO II - Estudo de Fidedignidade entre e intra avaliadores do Teste de Relações Objetais (TRO)

Os testes psicológicos se caracterizam como instrumentos de avaliação ou mensuração de características psicológicas observadas através da manifestação do comportamento e procuram obter, num mínimo de tempo, o máximo de informações sobre o examinando (Conselho Federal de Psicologia, 2004). Estes instrumentos são processos de medida de diferenças e semelhanças entre indivíduos. É um procedimento sistemático para observar, compreender e descrever o comportamento individual. Mas para que os testes sejam úteis e eficientes, eles devem, necessariamente, ser analisados em estudos que comprovem suas qualidades psicométricas, assim como devem atender determinadas especificações que garantam reconhecimento e credibilidade por parte da comunidade (Noronha & Vendramini, 2003; Manfredini & Argimon, 2010).

Neste sentido, os testes psicológicos devem apresentar características de precisão e validade (propriedades psicométricas), que justifiquem o fato de se ter confiança nos dados que produzem, sendo necessária a adaptação destes para a realidade na qual serão administrados e avaliados (DeMers *et al.*, 2000; Urbina, 2007; Pasquali, 2010; Werlang, Villemor-Amaral & Nascimento, 2010).

Com isso, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) passou a exigir parâmetros psicométricos considerados mínimos, para os instrumentos psicológicos. Através da resolução N°002/2003 (CFP, 2003), o CFP determinou quais seriam estes requisitos obrigatórios: 1) especificação do constructo que o instrumento em questão pretende avaliar; 2) caracterização fundamentada na literatura da área e 3) evidências empíricas de validade, de fidedignidade e das propriedades psicométricas dos itens que compõem o teste. Dessa forma, todo instrumento de avaliação psicológica, psicométrico ou projetivo, antes de ser editado, comercializado e utilizado, deve passar por um exame de suas qualidades psicométricas.

Pode-se dizer então, que existem dois grandes grupos de instrumentos psicológicos, classificados de acordo com sua objetividade e padronização: os testes psicométricos (baseados em critérios mais objetivos para quantificar um determinado construto, com respostas corretas ou incorretas, demonstrando ou não a adaptação do sujeito a padrões estabelecidos) e os testes projetivos (baseados em critérios mais subjetivos, dinâmicos, globais e não observáveis para analisar e/ou caracterizar um determinado construto). Ambos têm seu papel e lugar definidos em um processo de avaliação, mas no que tange à investigação de suas qualidades psicométricas é sabido que os testes projetivos enfrentam maiores dificuldades para atingir os requisitos exigidos. Isso se deve, em grande parte, à inadequação dos métodos disponíveis para a investigação de dados de validade e precisão de técnicas projetivas e às tentativas de simplesmente transpor os norteadores da psicometria tradicional a esse outro tipo de instrumento, baseado em princípios diferentes (Lowenstein, 1987; Alves, 2004; Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006; Werlang, Villemor-Amaral & Nascimento, 2010; Villemor-Amaral & Werlang, 2011).

Os testes projetivos são baseados na projeção e enfatizam os aspectos qualitativos, emocionais e psicológicos do sujeito avaliado, identificando tendências espontâneas, motivadas por necessidades implícitas (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006). Com estes apontamentos, marca-se como um dos estandartes das técnicas projetivas, a oposição à tradição psicométrica, que valoriza os procedimentos quantitativos, estatísticos e normativos (características mais evidentes dos testes psicométricos), o que justifica, em parte, as dificuldades enfrentadas no processo de identificação das propriedades psicométricas das mesmas.

O conceito de precisão/fidedignidade representa a certeza de que os escores produzidos pelos testes são confiáveis, pelo menos em alguma medida. Isso significa dizer que o resultado encontrado, através do instrumento, é consistente e preciso, expressando algo que se aproxime do escore verdadeiro do sujeito em um traço qualquer, livre de erros. Medir sem erros significa que o mesmo teste ou testes equivalentes, medindo os mesmos

sujeitos, em ocasiões diferentes, produzem resultados idênticos ou bastante próximos (Paquali, 2010).

A fidedignidade refere-se então à homogeneidade do instrumento e é definida pela estabilidade das respostas de um mesmo sujeito, em aplicações sucessivas, ou pela concordância entre “juízes” ao corrigirem e interpretarem protocolos dos mesmos sujeitos de maneira independente (interpretação às cegas), ou ainda, por sua consistência interna. A fidedignidade pode ser apurada através de diferentes técnicas, envolvendo tratamentos estatísticos diferenciados (Fachel & Camey, 2002; Urbina, 2007; Pasquali, 2010).

Fica evidente que é preciso contar com um método de investigação da fidedignidade que seja realmente adequado para testes que se baseiam na interpretação do avaliador em algum grau, tal como os projetivos. Em relação a isso, vários autores (Harrison, 1965; Macfarlane & Tuddenham, 1966; Cramer, 1999; Alves, 2004; Urbina, 2007) são unânimes ao afirmar que a técnica mais utilizada para este fim é a que se baseia na consistência das avaliações feitas por diferentes examinadores. Isso quer dizer que dois ou mais juízes avaliam o protocolo do instrumento em questão, respondido por um sujeito e, posteriormente, estas avaliações são comparadas através do cálculo do grau de concordância entre elas. Bons níveis deste tipo de fidedignidade são encontrados frente a altos índices de correlações entre as avaliações feitas por diferentes avaliadores. Pressupõe-se que quanto maior for a concordância, maior é a fidedignidade do instrumento. Existem diferentes coeficientes capazes de mensurar o grau de concordância entre diferentes avaliadores, tais como o Coeficiente de Concordância de Kendall e o Coeficiente Kappa (Landis & Koch, 1977; Bisquerra, Sarriera & Martinez, 2004). Para este método de investigação, a maneira com que cada examinador avalia o protocolo não pode ser diferente, o que sinaliza para a importância de o juiz ser ou estar devidamente treinado na técnica em questão, fator fundamental para o estudo da fidedignidade.

Neste contexto insere-se o Teste de Relações Objetivas (TRO), um teste projetivo, desenvolvido por Herbert Phillipson e publicado em 1955. O TRO é um instrumento fundamentado na teoria das relações objetivas de Melanie Klein e William Fairbairn, direcionado a adolescentes e adultos na faixa de idade

entre 15 e 55 anos. A principal vantagem do TRO, segundo Rosa e Silva (2005) é justamente ser fundamentado pela teoria das Relações Objetais de Melanie Klein. Segundo os autores, Phillipson utiliza como pressuposto básico do seu teste “as relações interpessoais como sendo o núcleo das relações objetais no presente, explorando o conteúdo de realidade e o clima emocional que evocam, na relação transferencial, diferentes tipos e níveis de sentimentos” (p. 21). Estes aspectos são analisados, segundo Shaw (2002), baseados nas relações projetadas nas lâminas que evocam níveis e configurações relacionais diversas, proporcionando a análise do número de esquemas e dos tipos e número de sujeitos e objetos de relação, as ações direcionadas a estes (visual, oral, anal, sexual, social ou destrutiva), se estas ações foram implementadas ou bloqueadas, as defesas (primitivas e repressivas) e afetos envolvidos, bem como alterações perceptivas presentes.

Considerando que é de fundamental importância dispor de instrumentos adequados e confiáveis ao que se quer avaliar e que o TRO pode ser um valioso aliado ao psicólogo clínico na avaliação da psicológica de adultos e adolescentes, julga-se pertinente avaliar as suas qualidades psicométricas. Para isso, esta seção apresenta um estudo de fidedignidade entre avaliadores, no qual diferentes juízes avaliaram os mesmos protocolos, de forma a analisar se havia concordância entre eles a partir do sistema de categorização de respostas proposto por Shaw (2002) para o TRO. Além disto, foi analisada a concordância intra-avaliadores, verificando a concordância na correção feita pelo juiz em um mesmo protocolo em dois momentos ao longo do tempo. Para que este objetivo pudesse ser alcançado desenvolveu-se uma pesquisa quantitativa de cunho transversal.

Método

Amostra

Para compor a amostra, em termos numéricos, foram considerados os estudos desenvolvidos por Phillipson (2010), autor do instrumento, chegando ao total de 106 casos. Esta amostra foi composta por pessoas da cidade de Porto Alegre e Região Metropolitana, organizados em grupos: a) população geral, b) clínico psiquiátrico, composto por dependentes químicos, c)

comportamento violento, composto por detentos. Foi considerado também o sexo (masculino e feminino), a idade (18-25 anos; 26-35 anos, 36-45 anos, 46-55 anos) e nível de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior). A partir destes casos foi calculada, assegurando a confiabilidade dos dados, uma redução para 50 casos escolhidos aleatoriamente, para comparação entre avaliadores e dentre estes, 20 casos também escolhidos de modo aleatório para comparação intra-avaliadores.

Instrumentos para Coleta de Dados

A fim de obter dados que caracterizem os participantes do estudo foi utilizada uma Ficha de Dados Sociodemográficos elaborada para uso específico deste estudo. Na ficha constam itens para registrar informações sobre: sexo, idade, escolaridade, composição do núcleo familiar, entre outros dados.

Para excluir casos com suspeita de comprometimento intelectual foi administrado, de forma individual, o Teste Matrizes Progressivas – Escala Geral (Raven, 2003). O Teste de Matrizes Progressivas foi desenvolvido originariamente pelo psicólogo J. C. Raven e foi criado como medida do fator "g", com base no referencial de Spearman.

Para as sub-amostras clínicas (clínica psiquiátrica e comportamento violento), com o objetivo de avaliar aspectos do funcionamento adaptativo e psicopatológico, utilizou-se o Adult Self Report (ASR) (Achenbach & Rescorla, 2003) constituído de 126 itens. Estudos de evidências de validade do ASR para a realidade brasileira já foram realizados (Oliveira, Lucena-Santos & Yates, 2011; Lucena-Santos & Oliveira, 2012 no prelo) com índices de consistência interna considerados satisfatórios.

O instrumento alvo deste estudo foi o Teste de Relações Objetais (TRO), organizado por Phillipson na década de 50 (Phillipson, 2010). Instrumento composto por 12 lâminas, distribuídas em 03 séries (A-B-C) e em quatro tipos de Configurações Relacionais (uma pessoa, duas pessoas, três pessoas, grupo) e uma lâmina branca, num total de 13 lâminas. As lâminas são apresentadas ao sujeito uma a uma, em uma organização pré-estabelecida

pelo autor de modo aleatório. O sujeito deverá contar uma história que contenha no mínimo uma pessoa executando alguma ação, considerando o que está acontecendo no momento representado na cena o que ocasionou aquela circunstância e como termina a história. Se necessário, ao final de cada história é realizado um inquérito para aprofundar ou esclarecer algum ponto da narrativa. A administração acontece de forma individual, gravada em áudio, com prévia autorização do participante, num período de aproximadamente 50 minutos.

Estes aspectos foram analisados em um protocolo baseado no sistema de categorização proposto por Shaw (2002), realizando a análise do instrumento sob a configuração original, proposta por Phillipson em 1955, em que se analisa o número de esquemas que o sujeito utilizou na narrativa, os tipos e o número de sujeitos e objetos de relação descritos, as ações envolvidas, se estas foram implementadas ou bloqueadas, as defesas e afetos, bem como, a presença de alterações perceptivas. Para isso, o autor propõe uma correção baseada em cinco passos: 1) Redução de cada história a uma única frase; 2) Análise sintática de cada frase convertendo em sequências e resultados; 3) Classificação de cada sequência para extrair o esquema final essencial; 4) Classificação dos afetos e defesas associados a cada esquema; e 5) A classificação da variação de estímulo (VE).

Procedimento para Coleta dos Dados

Para o desenvolvimento deste estudo foram realizados contatos com empresas, escolas, clínicas de internação psiquiátrica e presídio central de Porto Alegre/RS, para obter autorização necessária para a testagem dos participantes. A coleta dos dados foi realizada após a aprovação do projeto maior de pesquisa intitulado “Adaptação Brasileira do Teste de Relações Objetais” (em que este estudo está inserido), junto ao Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob o número 36325.

Para a composição do grupo amostral da população geral, que ocorreu por conveniência, foi realizado contato com o sujeito a fim de explicar o objetivo

e a natureza do trabalho e obter a aceitação em participar do estudo. Foram definidos ainda data e horário dos dois encontros para aplicação dos instrumentos (Ficha de Dados Sociodemográficos, Teste Raven e TRO) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Especificamente com relação à subamostra de comportamento violento (detentos), o Diretor do Presídio Central de Porto Alegre realizou uma prévia seleção dos casos (homicidas e apenados pela Lei Maria da Penha). Após a concordância do apenado em participar do estudo, foram combinados os encontros para administração dos instrumentos (Ficha sócio demográfica, ASR, Teste Raven, TRO), na dependência da penitenciária, respeitando-se as condições de segurança estabelecidas pela casa prisional.

Os participantes da subamostra clínica-psiquiátrica (dependência química) foram convidados a participar da pesquisa inicialmente pelos profissionais que atuam nas respectivas instituições. Após a aceitação, foram combinados encontros para aplicação dos instrumentos (Ficha sócio demográfica, ASR, Teste Raven, TRO) e para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A etapa de coleta foi seguida pela transcrição das histórias de cada participante, da compilação e organização dos dados em programas específicos, para processamento estatístico posterior.

Procedimentos para Análise dos Dados

Com o objetivo de iniciar o processo de adaptação do TRO para a realidade brasileira, o primeiro passo executado foi analisar o sistema original de categorização do TRO (Shaw, 2002), constante no manual, tarefa esta realizada por duas psicólogas clínicas, com experiência em avaliação psicológica, que serviram como juízes. Após a correção de 21 protocolos do TRO, realizaram-se discussões com a finalidade de verificar se as categorias eram apropriadas e relevantes, considerando a análise da personalidade segundo a teoria das relações objetivas a qual o instrumento se propõe utilizar como base teórica. O julgamento feito por juízes, especialistas na área avaliada, no caso das técnicas projetivas, do sistema de categorização de

respostas, é um método de investigação de validade de conteúdo, que difere dos demais tipos de validade, por não ser determinado estatisticamente (Fensterseifer, Lima, Paranhos & Werlang, 2009). Assim pode-se verificar que o TRO apresenta validade de conteúdo, já que ambas psicólogas conseguiram analisar os instrumentos de acordo com a teoria de base utilizando as categorias previamente elaboradas pelo autor, não necessitando haver modificações no protocolo inicial (Anexo 4), o qual foi utilizado para o levantamento dos dados do TRO descritos neste estudo.

A correção do instrumento em foco, o TRO, seguiu os cinco passos propostos por Shaw (2002). Para a análise dos dados realizou-se, inicialmente, a redução das histórias contadas pelos 50 participantes para as lâminas do TRO em uma frase única. Posteriormente este material foi encaminhado aos três juízes (J1-J2-J3), junto a um protocolo específico elaborado pelos pesquisadores para o levantamento dos dados, segundo o sistema de categorização das respostas do TRO proposto por Shaw (2002). A avaliação dos juízes para as 13 histórias contadas por cada um dos participantes foi realizada de maneira independente.

Após transcorridos, no mínimo, 30 dias após as correções, dois destes juízes (J1-J2) realizaram uma nova correção (J12 – J22) do material de 20 participantes, seguindo os mesmos critérios da primeira correção.

Cabe salientar que os dados analisados pelos juízes incluem as subcategorias de análise do TRO: número de esquemas, sujeitos/objetos, ação, bloqueio ou implementação da ação, defesas, afetos, variação de estímulo. Já no que se refere ao número de esquemas utilizados na correção foi necessário grande empenho no treinamento para que houvesse uma perfeita concordância entre os três juízes, pois representava o ponto de partida de toda a correção.

Após estas etapas, a classificação das respostas feita pelos juízes foi organizada em um banco de dados, para que pudesse ser aplicada a estatística Kappa, do programa STATA (2005), com o objetivo de verificar o índice de concordância entre os avaliadores. As comparações entre avaliadores foram assim delineadas: J1-J2; J1-J3; J2-J3; e J1-J2-J3. As

comparações intra-avaliadores, por sua vez, foram delineadas da seguinte forma: J1-J12 e J2 –J22.

Para avaliar os resultados, levou-se em conta que a medida de concordância (Kappa) poderá adquirir valores escalares de 0 (zero) a 1 (um), representando maior nível de concordância os valores mais próximos de 1 (um). Para medidas intermediárias foi utilizada a interpretação de Landis e Koch (1977).

Resultados

A amostra específica para a verificação da concordância entre avaliadores, composta por 50 casos, escolhidos de modo aleatório dentre os 106 casos coletados; apresentou-se quanto aos grupos: 15 (30%) casos da população geral, 20 (40%) casos de detentos e 15 (30%) casos de dependência química; quanto ao sexo 32 (64%) eram homens e 18 (36%) mulheres; quanto ao grupo etário: 12 (24%) casos encontravam-se na faixa dos 18 aos 25 anos, 16 (32%) na faixa dos 26 aos 35 anos, 13 (26%) na faixa dos 36 aos 45 anos e por fim 9 (18%) na faixa dos 46 aos 55 anos; quanto aos níveis de escolaridade: 31 (62%) com formação em nível fundamental; 13 (26%) em nível médio e 6 (12%) dos casos nível superior.

Para a verificação da fidedignidade entre avaliadores, calculou-se o índice de concordância entre os três juízes que categorizaram e classificaram as respostas de maneira independente, baseados no sistema de categorização proposto, e registrando suas avaliações em um protocolo específico. Quanto ao número de esquemas e variação de estímulo houve concordância (Kappa) igual a 1,0. Os demais resultados observados em cada uma das categorias de análise, nas 13 lâminas do TRO, podem ser visualizados na Tabela1 a seguir.

Tabela 1. Sumário do resultado da medida de concordância entre os juízes em cada categoria avaliada no protocolo do TRO:

CATEGORIAS	AVALIADORES	KAPPA*	INTERPRETAÇÃO
Tipos de	J1-J2	0,98	Quase Perfeito
Sujeitos	J2-J3	0,97	Quase Perfeito
	J1-J3	0,97	Quase Perfeito
	J1-J2-J3	0,97	Quase Perfeito
Tipos de	J1-J2	0,95	Quase Perfeito
Objetos	J2-J3	0,93	Quase Perfeito
	J1-J3	0,93	Quase Perfeito
	J1-J2-J3	0,94	Quase Perfeito
Ação	J1-J2	0,96	Quase Perfeito
	J2-J3	0,96	Quase Perfeito
	J1-J3	0,95	Quase Perfeito
	J1-J2-J3	0,96	Quase Perfeito
Imp/Bloq	J1-J2	0,94	Quase Perfeito
	J2-J3	0,96	Quase Perfeito
	J1-J3	0,96	Quase Perfeito
	J1-J2-J3	0,95	Quase Perfeito
Afetos	J1-J2	0,92	Quase Perfeito

	J2-J3	0,90	Quase Perfeito
	J1-J3	0,90	Quase Perfeito
	J1-J2-J3	0,91	Quase Perfeito
Defesas	J1-J2	0,94	Quase Perfeito
	J2-J3	0,93	Quase Perfeito
	J1-J3	0,93	Quase Perfeito
	J1-J2-J3	0,93	Quase Perfeito

*p<0,001

A amostra específica para a verificação da concordância intra-avaliadores, composta por 20 casos escolhidos de modo aleatório dentre os 50 casos avaliados quanto à concordância entre juízes, apresentou-se quanto aos grupos: 10 (50%) casos da população geral, 06 (30%) casos de detentos e 04 (20%) casos de dependência química; quanto ao sexo 09 eram homens (45%) e 11 mulheres (55%); quanto ao grupo etário: 06 (30%) casos encontravam-se na faixa dos 18 aos 25 anos, 08 (40%) na faixa dos 26 aos 35 anos, 04 (20%) na faixa dos 36 aos 45 anos e por fim 02 (10%) na faixa dos 46 aos 55 anos; quanto aos níveis de escolaridade: 08 (40%) com formação em nível fundamental; 10 (50%) em nível médio e 2 (10%) dos casos nível superior.

Para a verificação da fidedignidade intra-avaliadores, calculou-se o índice de concordância entre duas correções de cada protocolo realizadas por um mesmo juiz, com intervalo mínimo de um mês entre elas. Esta avaliação foi realizada por dois juízes que categorizaram e classificaram as respostas de maneira independente, baseados no sistema de categorização proposto e registrando suas avaliações em um protocolo específico, em ambos os tempos. Os resultados observados em cada uma das categorias de análise nas 13 lâminas do TRO podem ser visualizados na Tabela 2 a seguir, ressaltando que

o número de esquemas e variação de estímulo apresentaram concordância (Kappa) = 1,0.

Tabela 2. Sumário do resultado da medida de concordância intra-juízes em cada categoria avaliada no protocolo do TRO:

CATEGORIAS	AVALIADORES	KAPPA*	INTERPRETAÇÃO
Tipos de	J1	0,97	Quase Perfeito
Sujeitos	J2	0,94	Quase Perfeito
Tipos de	J1	0,96	Quase Perfeito
Objetos	J2	0,95	Quase Perfeito
Ação	J1	0,97	Quase Perfeito
	J2	0,94	Quase Perfeito
Imp/Bloq	J1	0,95	Quase Perfeito
	J2	0,96	Quase Perfeito
Afetos	J1	0,92	Quase Perfeito
	J2	0,94	Quase Perfeito
Defesas	J1	0,96	Quase Perfeito
	J2	0,92	Quase Perfeito

*p<0,001

Discussão

Analisando a Tabela 1 que apresenta o sumário geral de concordância entre os juízes, em cada uma das categorias de análise e

considerando que a medida de concordância pode variar entre 0 e 1, sendo que 0 (zero) representa uma concordância ruim, ou mesmo a ausência de concordância, e 1 (um) uma concordância perfeita, a partir dos resultados obtidos é possível dizer que eles foram altamente satisfatórios, uma vez que a concordância alcançada foi quase perfeita. Isso significa que os três juízes que atuaram concordaram quase que integralmente em suas avaliações, o que pode ser compreendido como resultado do claro entendimento do sistema de correção utilizado no TRO proposto por Shaw (2000). Vale ressaltar que os três juízes concordaram previamente em participar de um treinamento para análise e pontuação dos protocolos do TRO, assim como se dispuseram a estudar o referencial psicanalítico, mais especificamente relações objetais, base teórica do instrumento. A associação de altos índices de fidedignidade entre avaliadores com a experiência e o adequado treinamento do avaliador, no papel de juiz, é mencionada e destacada por diferentes autores (Harrison, 1965; Macfarlane & Tuddenham, 1966; Cramer, 1999; Alves, 2004; Fensterseifer et al., 2009). A única forma de garantir que examinadores distintos interpretem um mesmo protocolo de maneira semelhante é certificando-se de que eles partirão do mesmo ponto, e para isso, bom conhecimento e compreensão do sistema de categorização das respostas são fundamentais.

As menores concordâncias entre juízes foram na categoria de afetos, não chegando a interferir negativamente nos níveis, mas passível de explicação por ser composta por muitas subcategorias, num total de 31, sendo que cada lâmina poderia ter em cada esquema entre um e quatro afetos listados. Dessa forma abriu-se um grande rol de possibilidades de combinações de respostas.

Já a Tabela 2 apresenta o sumário geral de concordância intra-avaliadores, em cada uma das categorias de análise. Considerando os mesmos valores como referência, a concordância intra-avaliadores demonstrou-se quase perfeita, o que leva a crer que o conhecimento adquirido no treinamento conseguiu ser reproduzido pelo mesmo juiz ao longo do tempo, corrigindo de modo muito semelhante um mesmo protocolo – ou seja, a expressão da capacidade do avaliador de concordar consigo mesmo (Tavares, 2003).

Ambos os juízes (J1-J2) conseguiram apresentar ótimos níveis de concordância, independente do tipo de protocolo, já que havia protocolos de ambos os sexos, de vários níveis de escolaridade, bem como, de diferentes grupos amostrais. Isso confirma que o conhecimento teórico utilizado na correção de um instrumento deve ser capaz de contemplar as diversidades e ser reproduzido garantindo sua legitimidade.

Os níveis quase perfeitos de concordância entre os juízes, que foi composto por duas psicólogas mestres e um acadêmico de psicologia com experiência em instrumentos projetivos, asseguram a similaridade das correções entre eles, independente da diferença de formação, reforçando a importância do treinamento para a realização do estudo, o que também foi reforçado na concordância intra-juízes, que foi feita apenas por uma psicóloga mestre (J1) e pelo estudante de psicologia (J2), mantendo os mesmos bons níveis de concordância.

Considerações Finais

A importância de se ter à disposição instrumentos psicológicos confiáveis reside, principalmente, no fato de que eles representam ferramentas auxiliares na coleta de dados sobre um sujeito, o que, juntamente com demais informações obtidas e organizadas pelo psicólogo, auxiliam na compreensão do fenômeno estudado. Tais procedimentos facilitam a tomada de decisões, objetivo-fim dos processos de avaliação. Portanto, a partir deste estudo focando a fidedignidade no Teste de Relações Objetivas, verifica-se que houve concordância quase perfeita entre os avaliadores, bem como, na concordância intra-avaliadores. Mas, reforça-se a importância de outros estudos de fidedignidade, por exemplo, focado na estabilidade temporal do Teste de Relações Objetivas, a fim de assegurar maior legitimidade ao instrumento.

Referencias Bibliográficas

- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2003). Manual for the ASEBA Adult Forms & Profiles. Burlington: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- Alves, I. C. B. (2004). Técnicas projetivas: questões atuais na psicologia. In C. E. Vaz & R. L. Graeff (Orgs.). III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos: Técnicas Projetivas: produtividade em pesquisa, (pp. 361-366). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bisqueria, R., Sarriera, J. C. & Martínez, F. (2004). Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS. Porto Alegre: Artmed.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (2004). Avaliação dos testes psicológicos: relatório. Disponível em <http://www.pol.org.br/satepsi>. Acesso em: 10.05.2014
- Cramer, P. (1999). Future Direction for the Thematic Apperception Test. Journal of Personality Assessment, 72 (1), 74-92.
- DeMers, S. T., Turner, S. M., Andberg, M., Foote, W. Hough, L., Ivnik, R., Meier, S., Moreland, K. & Rey-Casserly, C. M. (2000). Report of Task Force on Test User Qualifications (pp. 17-21). Washington: American Psychological Association.
- Fachel, J.M & Camey, S. (2002). Avaliação Psicométrica: a qualidade das medidas e o atendimento dos dados. In: Cunha. J.A. Psicodiagnóstico V. (pp. 158-170). Porto Alegre: Artmed.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2011). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In: A. E. Villemor-Amaral, B. S. G. Werlang (Orgs.). Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fensterseifer, L; Lima, G; Paranhos, M; & Werlang, B. (2009) Fidedignidade entre avaliadores no Teste de Apercepção Familiar (FAT). Psico, 40 (3), 287-293.

- Harrison, R. (1965). Thematic Apperception Methods. In B. B. Wolman (Ed.). Handbook of Clinical Psychology, (pp. 562-620). New York: McGraw-Hill Book Company
- Landis, J.R. & Koch, G.G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. Biometrics, 33, 159-174
- Lucena-Santos, P., & Oliveira, M. S. (2012). Análise da estrutura fatorial das escalas sindrômicas do ASR (Adult Self-Report) na realidade brasileira. Anais do IX Congresso da ALAPCO - Associação Latino-americana de Psicoterapias Cognitivas - Temática: Terapias Cognitivas: Agregando Novos Saberes - Rio de Janeiro.
- Macfarlane, J. W. & Tuddenham, R. D. (1976). Problemas planteados en la validación de las técnicas proyectivas. In: H. H. Anderson & G. L. Anderson. Técnicas proyectivas de diagnostico psicológico, (pp. 54-87). Madrid: Rialp.
- Manfredini, V & Argimon, I (2010). O Uso de Testes Psicológicos: a importância da formação profissional. Grifos, 28, p 134-146.
- Muniz, M., Machado, M. A., Villemor-Amaral, A. E. & Primi, R. (2009). Precisão do Zulliger no Sistema Compreensivo. In: A. E. Villemor-Amaral & R. Primi (Orgs). Teste de Zulliger no sistema compreensivo ZSC – forma individual (pp. 131-136). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Noronha, A. P & Vendramin, C. M. (2003). Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16(1), p. 177-182.
- Nunes, C. H. S. S. & Primi, R. (2010). Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. In: Conselho Federal de Psicologia/CFP (Org.). Avaliação Psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão (pp. 101-127). Brasília: CFP.
- Oliveira, M. S., Santos, P. L., & Yates, M. B. (2011). Evidências de validade do ASR para a realidade brasileira: dados preliminares da análise da estrutura interna. Anais do VIII Congresso Brasileiro de Terapias Cognitivas. Florianópolis.

- Pasquali, L. (2001). Parâmetros Psicométricos dos Testes Psicológicos. In: L. Pasquali. Testes de Exames Psicológicos: Manual. (pp. 111-136). São Paulo: Casa do Psicólogo/ Conselho Federal de Psicologia, 2001.
- Pasquali, L. (2003). Psicometria: teoria dos testes na Psicologia e na Educação. Petrópolis: Vozes.
- Pasquali, L. (2010). A Medida Psicométrica. In Pasquali, L (org). Instrumentação Psicológica (p. 104-115). Porto Alegre: Artmed.
- Pervin, L. A. & John, O. P. (2004). Personalidade: teoria e Pesquisa. Porto Alegre: Artmed
- Phillipson. H. (2010). Test de Relaciones Objetales. Buenos Aires: Paidós.
- Primi, R., Muniz, M. & Nunes. C. H. S. S. (2009). Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. In: C. S. Hutz (Org.). Avanços e polêmicas em avaliação psicológica (pp. 243-265). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Primi, R., Muniz, M. & Villemor-Amaral, A. E. (2009). Validade do Zulliger no Sistema Compreensivo. In: A. E. Villemor-Amaral & R. Primi (Orgs). Teste de Zulliger no sistema compreensivo ZSC – forma individual (pp. 137-173). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Raven, J.C. (2003). Matrizes Progressivas: Escala Geral, Séries A, B, C, D e E. Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada.
- Rosa, J.T.&Silva, J. (2005) Desenvolvimentos na prática clínica com o Teste de Phillipson. São Paulo: Vetor.
- Shaw, M.A. (2002) Object Relations Tecnique. New York: O.R.T institute.
- STATA Corporation. (2005). Stata base reference manual: release 9. College Station: Stata Press.
- Tavares, M. (2003). Validade Clínica. Psico, 8 (2), p 125-136.
- Urbina, S. (2007). Fundamentos da Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artmed.

- Villemor-Amaral, A. E. & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. Psico-USF, 11 (2), 185-193.
- Villemor-Amaral, A. E. & Werlang, B. S. G. (2011). Apresentação. In: A. E. Villemor-Amaral, B. S. G. Werlang (Orgs.). Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica (pp. 11-14). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Villemor-Amaral, A. E. & Primi, R. (2009). Teste de Zulliger no Sistema Compreensivo – ZSC: forma individual. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Werlang, B. S. G., Villemor-Amaral, A. E. & Nascimento, R. S. G. F. (2010). Avaliação psicológica, testes e possibilidades de uso. In: Conselho Federal de Psicologia/CFP (Org.). Avaliação Psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão (pp. 87-99). Brasília: CFP.

SEÇÃO III-Teste de Relações Objetais (TRO) em Dependentes Químicos e Indivíduos com Comportamento Violento

A prática clínica em psicologia aliada à pesquisa deu às técnicas projetivas um lugar de destaque e de respeito na área da avaliação psicológica. A partir do referencial psicanalítico, destaca-se o conteúdo subjetivo, trazendo à discussão e reflexão no campo do estudo psicológico os aspectos afetivos e emocionais do ser humano (Bandeira, Trentini, Winck & Lieberknecht, 2006)

A partir de então, as técnicas projetivas ganham legitimidade como importantes recursos de acesso a aspectos intrínsecos do sujeito, permitindo que estes fossem examinados com considerável vantagem temporal em relação a outros tipos de técnicas, como explicam as autoras antes mencionadas.

Um marco importante na evolução do conceito de validade – dentre tantos outros – foi a última publicação do *standards* (1999), em que definiu a validade como um conceito único, não existindo diferentes tipos, mas sim diferentes aspectos (fontes de evidência), que podem servir de suporte na avaliação de possíveis interpretações de escores (American Educational Research Association, American Psychological Association & National Council on Measurement in Education, 1999; Urbina, 2007). A partir disso, a primeira fonte de evidência de validade é a com base no conteúdo, que estuda a representatividade dos itens do teste; a segunda fonte refere-se a análise teórico empírica das relações entre os processos mentais ligados ao constructo que se pretende avaliar e as respostas aos itens do instrumento. A terceira trata da estrutura interna do instrumento, baseada nas correlações entre itens que avaliam o mesmo constructo, trabalhando com covariância entre partes do teste. A quarta fonte diz respeito às evidências com base na relação do instrumento com variáveis externas, tratando dos padrões de correlação entre os escores do teste e outras variáveis que medem o mesmo constructo (convergente) ou com construtos diferentes (divergentes). Esta fonte ainda oferece dados sobre a capacidade de prever outros fatos ou fatores que se associam ao uso que se fará do teste. E por último, a quinta fonte trata das

consequências sociais intencionais ou não da testagem, quanto ao seu efeito e propósito ao qual foi construído (American Educational Research Association, American Psychological Association & National Council on Measurement in Education, 1999; Urbina, 2007; Primi, Muniz & Nunes; 2009; Borges, 2011).

Na escolha por avaliar uma ou outra fonte de evidência de validade, deve ser levado em conta os propósitos (descrição, classificação diagnóstica, predição, planejamento de intervenção e monitoramento) e os contextos nos quais se pretende usar o instrumento, escolhendo, a partir disso, o tipo de evidência mais adequado (Primi, Muniz & Villemor-Amaral, 2009; Primi & Nunes, 2010).

Sendo assim, o Teste de Relações Objetais criado por Phillipson tem como objetivo a avaliação da personalidade através da teoria de Melanie Klein e William Fairbairn. Trata-se de um instrumento capaz de conciliar as tendências perceptivas do TAT e do Rorschach, sendo viável na investigação do mundo interno e das relações objetais de crianças, adolescentes e adultos, porém os estudos com crianças ainda são iniciais (Rosa & Silva, 2005).

Phillipson, alicerçado na Teoria das Relações Objetais Inconscientes de Melanie Klein (1948) e de Fairbairn (1952), demonstrou que as relações objetais existem dentro da personalidade e o mundo externo como produto das relações com seus objetos mais arcaicos (os pais), o que determina de modo fundamental as relações do indivíduo com as pessoas do mundo exterior. Esse mundo interior de objetos é basicamente o resíduo das relações de indivíduo com as pessoas de que dependeu para a satisfação das necessidades primitivas desde a mais tenra infância e durante as primeiras etapas da sua maturação (Phillipson, 2010).

O pressuposto básico das relações interpessoais e intergrupais, como sendo o núcleo das relações objetais no presente, explora o conteúdo de realidade e o clima emocional evocando, na relação transferencial, diferentes tipos e níveis de sentimentos e buscando equilíbrio com a realidade. Essa teoria nos permite explorar a dinâmica do mundo interno do paciente e da natureza de seus relacionamentos objetais inconscientes e a possibilidade de modificação de diversos vínculos patológicos e sistemas defensivos, diante de diversas situações (Rosa, 1995).

A tarefa de investigação do psicólogo passa a ser entender o ajuste e o desajuste da personalidade em função tanto das dinâmicas subjacentes como dos aspectos mais conscientes da conduta. Não obstante, parece que se dispõe já de um ponto de vista dinâmico e suficientemente comum, muito estreitamente vinculado às principais áreas da investigação psicológica: psicologia da percepção, psicologia da aprendizagem, psicologia clínica e psicanálise (Phillipson, 2010).

O primeiro trabalho normativo do TRO foi realizado por seu autor, através da análise de protocolos dos pacientes da clínica Tavistock, realizado com uma população de 50 pacientes de inteligência média superior. Este estudo centrou-se na avaliação de variáveis perceptivas e forneceu dados sobre o conteúdo humano, o conteúdo de realidade e o contexto de realidade, tratando de avaliar a incidência do estímulo na produção das 3 séries (A-B-C) (Verthelyi, Nijamkin & Fernandez, 1976)

O segundo estudo foi realizado por O'Kelly, no mesmo ano, com uma amostra de 40 adolescentes do sexo feminino (14 a 19 anos), e utilizou as mesmas categorias de análise de Phillipson, tanto que encontra-se citado no manual do teste publicado em 1955, como norma para sujeitos não clínicos. Os dados encontrados foram semelhantes àqueles do primeiro estudo, mas o complementa, assinalando uma atitude reparatória mais constante e com menor manejo da agressão na amostra *normal*.

A maioria dos estudos seguintes se referem a amostras específicas de pacientes hospitalizados ou em psicoterapia, onde buscou-se individualizar indicadores diagnósticos e prognósticos (Verthelyi, Nijamkin & Fernandez, 1976). Como o estudo de Orme (1959) que comparou uma amostra de 30 esquizofrênicos com os dados da Clínica Tavistock, encontrou diferenças significativas quanto ao número de personagens percebidos e a quantidade de afeto expressado nas respostas.

A relação entre conteúdo de cunho agressivo e conteúdos de ansiedade através do Rorschach e 8 cartões do TAT que estimulavam conteúdos agressivos e o TRO – foram comparados em 38 pacientes esquizofrênicos não-crônicos hospitalizados, em estudo desenvolvido por Haskell (1961). Observou-se que o TRO foi o instrumento que apresentava uma correlação mais elevada

entre a quantidade de agressão expressa nas narrativas, bem como, na conduta expressa pelo paciente durante a administração do instrumento.

Rayner e Hahn (1964) examinaram os protocolos do TRO de pacientes ambulatoriais e de pacientes selecionados internados para psicoterapia psicodinâmica, e tentaram encontrar medidas que distinguíssem os 20 pacientes que foram escolhidos pelos terapeutas como os que tiveram maior progresso dos 20 que tiveram menor progresso. Os indicadores positivos foram auto-reponsabilidade, persistência positiva e auto-avaliação. Já os indicadores negativos foram não participação e passividade.

Em um estudo dirigido a detectar a capacidade de inclusão exitosa em psicoterapia de grupo, Aston (1971) evidenciou o índice de aproximação que por sua vez se relacionou ao índice de barreiras. E, em 1957 O'Kelly tentou detectar os efeitos da carência materna precoce em jovens delinqüentes, e verificou que estas apresentavam maiores alterações perceptivas que o grupo sem restrição materna. E em 1969 Coleman estudou a incidência de fantasias correspondentes a diferentes etapas da adolescência na percepção das relações interpessoais nas 03 séries através do estabelecimento da temática das narrativas, que enfatizavam relações menos adultas associada a faixa desenvolvimental.

Cabe ressaltar que a utilidade do TRO como instrumento de exploração do mundo interpessoal e intrapessoal de adultos e adolescentes é atestado por muitos clínicos. A utilidade do teste, particularmente para fins de pesquisa, pode ser favorecida pelo desenvolvimento e emprego de classificação objetiva. Cada autor anteriormente citado desenvolveu uma forma particular de analisar os dados, nem sempre realizando estudos de confiabilidade. Ponto comum em todos foi a utilização apenas da análise das 12 lâminas pictóricas, não considerando as informações da lâmina branca (Elkan, 1988).

Em 1988, Shaw descreveu, em seu artigo intitulado "*The Object Relation Technique: contribution to a generalised conceptual framework with the especial reference to the Babgby adaptation*", a possibilidade de análise das narrativas do TRO através de protocolo mais objetivo, elaborado a partir da experiência clínica de Bagby e Shaw com o instrumento. Inicialmente o protocolo de análise foi elaborado objetivando o TRO como uma técnica a ser

utilizada em psicoterapia, e investia esforços para sua utilização como avaliação. Este estudo deu origem ao manual intitulado “*The Object Relations Technique: Assessing the individual*”, publicado em 1989, originalmente

Os autores mantiveram a mesma organização visual para análise das lâminas em uma matriz de três colunas representando as três séries (A, B, C) e quatro linhas representando as configurações relacionais (1, 2, 3, Grupo), propostas no TRO, facilitando ao avaliador a visualização de cada etapa com sua respectiva configuração relacional.

Em estudo descrito por Phillipson (1988), em que analisou o TRO como instrumento facilitador do processo maturacional, o autor reforça a importância da categorização criada por Babgy, descrevendo-a como interessante e eficiente para aquilo ao que o TRO propõe como objeto de avaliação.

O TRO mantém-se como foco de estudos sob os mais diversos modelos de correção (Verthelyi, 1976; O’Campo & Arzeno, 1985; Rosa, 1995; Rosa & Silva, 2005). Quanto ao modelo proposto por Shaw (2002), não há publicações de estudos que comprovem sua real capacidade de avaliação da personalidade, apenas estudos clínicos divulgados oralmente em eventos científicos.

Considerando tais aspectos, entendendo que é de fundamental importância dispor de instrumentos adequados e confiáveis em relação ao que se quer avaliar, e que o TRO pode ser um instrumento valioso no auxílio ao psicólogo clínico na avaliação da personalidade, julga-se pertinente investigar suas qualidades psicométricas. Para isso, buscou-se, através deste estudo comparativo, contribuir para a análise de evidências de validade de critério, tendo por base a relação com variáveis externas, utilizando, para tanto, as seguintes variáveis-critério: diagnóstico clínico-psiquiátrico e comportamento violento. Para que este objetivo pudesse ser alcançado, desenvolveu-se uma pesquisa quantitativa, de tipo transversal, incluída na categoria de estudos instrumentais (propriedades psicométricas), como expressam Montero & Leon (2005).

Método

Amostra

A amostra foi composta por 106 casos distribuídos em 03 grupos, levou-se em consideração para estruturação dos grupos deste estudo as pesquisas de normatização desenvolvidas por Phillipson (2010), na década de cinquenta na Inglaterra, com pacientes psiquiátricos e sujeitos com história de violência.

A amostra foi composta, por conveniência, por pessoas da cidade de Porto Alegre e Região Metropolitana, organizados em grupos: a) população geral composto por 36 sujeitos, b) clínico psiquiátrico, composto por 30 sujeitos dependentes químicos em internação, c) comportamento violento, composto por 40 detentos.

Como critérios de inclusão nas amostras: sujeitos que tivessem idade entre 18 e 55 anos, concordância de participar e ausência de comprometimento intelectual. Como critérios de exclusão nas amostras: exceder as faixas-etárias limites, apresentar comprometimento intelectual, apresentação de sintomas ou transtorno psicótico, estar fazendo uso de medicação com propriedades que possam alterar a capacidade lógica e de raciocínio.

Instrumentos

Para a obtenção dos dados da amostra foi utilizada uma Ficha de Dados Sociodemográficos (ver Anexo 3), elaborada para uso específico deste estudo. A ficha contempla informações a respeito do sexo, idade, escolaridade, composição do núcleo familiar, entre outros dados.

Para excluir casos com suspeita de comprometimento intelectual foi administrado, de forma individual, o Teste Matrizes Progressivas – Escala Geral (Raven, 2003). A administração foi realizada seguindo as instruções usuais que constam no manual, prevendo-se uma duração média de 20 a 30 minutos. O Teste de Matrizes Progressivas foi desenvolvido originariamente pelo psicólogo J. C. Raven e foi criado como medida do fator "g", com base no referencial de Spearman. O caderno a ser administrado é dividido em séries de matrizes ou desenhos que apresentam um problema introdutório, cuja solução

é clara, fornecendo um padrão para a tarefa, que se torna progressivamente mais difícil. A Escala Geral compreende cinco séries (A, B, C, D e E). As respostas são classificadas como positivas ou negativas e cada resposta certa recebe um ponto, o total de pontos é o escore obtido pelo sujeito. Este escore é transformado em percentil através do uso de uma tabela específica em associação com a idade do sujeito, assim poderá ser estimado o nível intelectual de cada participante da amostra.

Para as sub-amostras clínicas (clínica psiquiátrica e comportamento violento), com o objetivo de avaliar aspectos do funcionamento adaptativo e psicopatológico, utilizou-se o *Adult Self Report* (ASR) (Achenbach & Rescorla, 2003) composto por três alternativas de respostas: (1) 0= não é verdadeira; (2) 1= um pouco verdadeira ou algumas vezes verdadeira; (3) 2= muito verdadeira ou frequentemente verdadeira. Estudos de evidências de validade do ASR para a realidade brasileira já foram realizados (Oliveira, Lucena-Santos & Yates, 2011; Lucena-Santos & Oliveira, 2012 in press) com índices de consistência interna considerados satisfatórios. O instrumento é subdividido em grandes áreas de avaliação, subdivididas em escalas, sendo que existem pontos de corte específicos para cada escala avaliada, os quais classificam a pontuação obtida em faixa normal, limítrofe ou clínica (Achenbach & Rescorla, 2003).

O instrumento alvo deste estudo foi o Teste de Relações Objetais (TRO), organizado por Phillipson na década de 50 (Phillipson, 2010). Instrumento composto por 12 lâminas, distribuídas em 03 séries (A-B-C) e em quatro tipos de Configurações Relacionais (uma pessoa, duas pessoas, três pessoas, grupo) e uma lâmina branca, num total de 13 lâminas. As lâminas são apresentadas ao sujeito uma a uma, em uma organização pré-estabelecida pelo autor de modo aleatório. O sujeito deverá contar uma história que contenha no mínimo uma pessoa executando alguma ação, considerando o que está acontecendo no momento representado na cena o que ocasionou aquela circunstância e como termina a história. Se necessário, ao final de cada história é realizado um inquérito para aprofundar ou esclarecer algum ponto da narrativa. A administração acontece de forma individual, gravada em áudio, com prévia autorização do participante, num período de aproximadamente 50 minutos.

Estes aspectos foram analisados em um protocolo baseado no sistema de categorização proposto por Shaw (2002), em que se analisa o número de esquemas que o sujeito utilizou na narrativa, os tipos e o número de sujeitos e objetos de relação descritos, as ações envolvidas, se estas foram implementadas ou bloqueadas, as defesas e afetos, bem como, a presença de alterações perceptivas. Para isso, o autor propõe uma correção baseada em cinco passos: 1) Redução de cada história a uma única frase; 2) Análise sintática de cada frase convertendo em sequências e resultados; 3) Classificação de cada sequência para extrair o esquema final essencial; 4) Classificação dos afetos e defesas associados a cada esquema; e 5) A classificação da variação de estímulo (VE).

Procedimento de coleta e análise dos dados

Para o desenvolvimento deste estudo foram realizados contatos com empresas, escolas, clínicas de internação psiquiátrica e presídio central de Porto Alegre/RS, para obter autorização necessária para a testagem dos participantes. A coleta dos dados foi realizada após a aprovação do projeto maior de pesquisa intitulado “Adaptação Brasileira do Teste de Relações Objetais” (em que este estudo está inserido), junto ao Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) sob o número 36325.

Para a composição do grupo amostral da população geral, que ocorreu por conveniência, foi realizado contato com o sujeito a fim de explicar o objetivo e a natureza do trabalho e obter a aceitação em participar do estudo. Foram definidos ainda data e horário dos dois encontros para aplicação dos instrumentos (Ficha de Dados Sociodemográficos, Teste Raven e TRO) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Especificamente com relação à subamostra de comportamento violento (detentos), o Diretor do Presídio Central de Porto Alegre realizou uma prévia seleção dos casos (homicidas e apenados pela Lei Maria da Penha). Após a concordância do apenado em participar do estudo, foram combinados os encontros para administração dos instrumentos (Ficha sócio demográfica, ASR,

Teste Raven, TRO), na dependência da penitenciária, respeitando-se as condições de segurança estabelecidas pela casa prisional. Os participantes da subamostra clínica-psiquiátrica (dependência química) foram convidados a participar da pesquisa inicialmente pelos profissionais que atuam nas respectivas instituições. Após a aceitação, foram combinados encontros para aplicação dos instrumentos (Ficha sócio demográfica, ASR, Teste Raven, TRO) e para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A etapa de coleta foi seguida pela transcrição das histórias de cada participante, da compilação e organização dos dados em programas específicos, para processamento estatístico posterior.

Todas as informações coletadas com os instrumentos aplicados foram organizadas em banco de dados, no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* SPSS, versão 17.0.e BioEstat 5.3. Inicialmente, para conhecer as características sociodemográficas (Ficha de Dados Sociodemográfica), cognitivas (Raven) e de confirmação de sintomatologia psicopatológicos e possíveis comorbidades(ASR) dos integrantes das amostras, foi realizada uma análise descritiva dos dados, através de cálculo de frequências e porcentagens (Bisquerra, Sarriera & Martínez, 2004) associada a análises de variância através do Teste de Tukey. O Teste de Spearman foi utilizado para verificar se houve correlações entre as variáveis. Para identificar a evidência de validade de critério foi utilizada a análise de variância de comparações múltiplas (ANOVA), especificamente através do Teste de Tukey e Student-Newman-Keuls – averiguando quais aspectos ocorreriam com maior frequência em cada grupo-critério.

Resultados e Discussão

A partir dos dados levantados através da ficha de dados sociodemográficos, quanto ao sexo, o grupo da população geral foi composto por 36 sujeitos, destes 21 (58,3%) homens e 15 (41,7%) mulheres; o grupo de detentos foi integralmente composto por 40 homens (100%), e o grupo clínico psiquiátrico, composto por dependentes químicos foi composto por 15 (50%) homens e 15 (50%) mulheres.

Quanto ao estado civil, o grupo da população geral apresentou 15 (41,6%) de pessoas com relacionamento estável (casamento ou união); 19 (52,8%) eram solteiros; 2 (5,6%) eram divorciados/separados. O grupo de detentos apresentou a seguinte configuração 18 (45%) apresentavam união estável ou casamento, 14 (35%) eram solteiros e 8 (20%) eram divorciados/separados. Já o grupo clínico psiquiátrico de dependentes químicos, 9 (30%) eram casados ou com união estável, 17 (56,7%) eram solteiros, 1 (3,3%) viúvo e 3 (10%) eram divorciados/separados.

.No que se refere à idade não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos, bem como, a média de anos de escolarização dos participantes de cada grupo não apresentou diferenças estatisticamente significativas. Quanto ao desempenho intelectual o grupo da população geral apresentou médias significativamente mais altas do que os demais grupos, conforme Tabela 3:

Tabela 3. Dados Sociodemográficos e Capacidade intelectual (Teste de Raven), comparação das Médias por grupo:

	Grupos	N	Média	DP
Idade	População Geral	36	32,37	2,8
	Detentos	40	32,0	5,5
	Dependentes Químicos	30	32,45	3,1
Anos de escolaridade	População Geral	36	8,19	2,33
	Detentos	40	6,87	2,07
	Dependentes Químicos	30	7,97	3,06
Teste de Raven	População Geral	36	38,2*	5,5
	Detentos	40	28,7	3,7
	Dependentes Químicos	30	31,7	7,1

* diferença estatisticamente significativa da população geral para os demais considerando $p \leq 0,05$.

Quanto à média de idade e anos de escolarização estratificando os grupos por sexo, não houve diferenças estatisticamente significativas. Já quanto ao desempenho intelectual houve diferença estatisticamente significativa entre o grupo da população geral masculina e detentos, bem como a população geral feminina comparado a de dependência química (considerando $p \leq 0,05$ pelo Teste Tukey), que pode ser observado na tabela 4.

Tabela 4. Comparação das médias do Teste Raven entre os grupos por sexo:

Sexo	Grupos					
	Escores brutos do Raven					
	População Geral		Detentos		Dependência química	
	Media	DP	Media	DP	Media	DP
Masculino	45,6*	7,1	28,7*	3,7	44,6	7
Feminino	31*	6,8	00	00	19*	5,3

Quanto a presença de Transtornos psiquiátricos avaliados através da ASR, pode-se verificar que dos 40 detentos que compõem o grupo de comportamento violento 6 (15%) apresentavam Transtorno Depressivo; 9 (22,5%) Transtorno de Ansiedade; 2 (5%) TDAH; 9 (22,5%) Dependência Química; e 7 (17,5%) Transtorno de Personalidade Antisocial. Do grupo clínico psiquiátrico composto por 30 participantes com diagnóstico de Dependência Química, que se conformou com a ASR, apresentaram também em 3 (10%) Transtorno Depressivo; 3 (10%) Transtorno de Ansiedade; 1 (3,3%) TDAH e 5(16,7%) Transtorno de Personalidade Antisocial.

Analisando especificamente as variáveis avaliadas no Teste de Relações Objetais (TRO), o primeiro aspecto a ser analisado foi o número de esquemas, ou seqüência, utilizados nas narrativas contadas em cada lâmina, conforme descrito na Tabela 5, pode-se observar que houve diferença estatisticamente significativa, em que a população geral apresentou maiores

médias em comparação ao grupo clínico psiquiátrico de dependentes químicos. Quando estratificado por sexo houve diferença estatisticamente significativa, nos homens entre população geral e detentos; e nas mulheres houve diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos (dependência química e população geral).

Tabela 5. Comparação entre grupos quanto à média do número de esquemas utilizados nas narrativas:

Grupos	N	Média	DP
População Geral	36	23,91*	8,5
Detentos	40	21,3	6,2
Dependentes Químicos	30	21,1*	4,5

*Diferença estatisticamente significativa considerando $p \leq 0,05$ segundo teste de Tukey.

A produção dos sujeitos *normais* é, em sua maioria, extensa, e mantém poucos fracassos na execução de narrativas com dados satisfatórios para análise, segundo Phillipson (2010) o que foi evidenciado na presente amostra. Porém o mesmo autor refere que a extensão das histórias, ou aqui considerado um maior número de esquemas, estaria relacionado a um maior nível intelectual e cultural. Considerando que houve diferença estatisticamente significativa quanto ao desempenho intelectual da população geral para os demais grupos (comportamento agressivo/detentos; clínico psiquiátricos/dependentes químicos) explicaria em parte esta diferença. Mas quando analisamos os grupos com o sexo em separado, pode-se observar que homens da população geral apresentaram maiores médias, tanto no desempenho intelectual quanto no número de esquemas utilizados no protocolo quando comparados aos detentos e as mulheres da população geral apresentaram maiores médias, nestes aspectos, quando comparados com o grupo clínico psiquiátrico – que leva a concluir que o desempenho intelectual

pode ter sido um fator que influenciou a ocorrência do número de esquemas utilizados pelos sujeitos nas narrativas do TRO.

Um segundo aspecto a ser analisado é o número de sujeitos que realizam ações na narrativa e os objetos que sofrem esta ação, no TRO, pode-se observar que houve diferença estatisticamente significativa do grupo da população geral com maiores médias que o grupo clínico psiquiátrico, conforme Tabela 6. Isso está de acordo com os dados de Coleman (1969): a menor quantidade de pessoas utilizadas nas narrativas do TRO estaria relacionada a um funcionamento paranoico, e é um dado muito presente em pacientes internados psiquiatricamente, visto ter sido sua amostra composta por 24 pacientes ambulatoriais, 18 neuróticos e 30 psicóticos.

Tabela 6. Comparação das médias das respostas considerando o total dos tipos de sujeitos e tipos de objetos entre grupos:

Grupos	TIPOS DE SUJEITOS			TIPOS DE OBJETOS	
	N	Média	DP	Media	DP
População Geral	36	31,6*	7,0	29,0*	7,0
Detentos	40	28,1	7,2	<u>26,7</u>	<u>6,7</u>
Dependentes Químicos	30	27,0*	6,4	<u>24,9*</u>	<u>5,4</u>

* Diferença estatisticamente significativa considerando $p \leq 0,05$, segundo Teste de Tukey

Ainda, comparando as médias apresentadas quanto ao número de sujeitos e de objetos utilizados nas narrativas, associando ao sexo, homens não apresentaram médias com diferença estatisticamente significativa, enquanto entre as mulheres houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos, considerando $p \leq 0,05$. Quanto aos tipos de sujeitos o grupo da população geral feminino apresentou média 35,7 (DP= 6,6) enquanto o grupo feminino de dependentes químicos apresentou média 25,5 (DP= 4,9). Quanto aos tipos de objetos o grupo da população geral feminino apresentou média

32,6 (DP= 7,0) enquanto o grupo feminino de dependentes químicos apresentou média 24,3(DP= 4,1).

Um dado importante quanto ao número de pessoas (sujeitos/objetos) utilizadas nas narrativas, foi a influência do sexo: mulheres apresentaram diferenças entre o grupo da população geral e grupo clínico-psiquiátrico – Verthelyi, Nijamkin & Fernández (1976) desenvolveram um estudo exploratório a respeito da influência do sexo dos sujeitos na produção das histórias do TRO e concluíram que este pode intervir em alguns elementos perceptivos, relacionais e afetivos. .

Estudo realizado por Lis, Basile e Zordo (1988) compara pacientes com psoríase, pacientes esquizofrênicos e população geral, através do TRO; considerando vários aspectos ligados à simbolização, dentre os itens analisados está a capacidade de elaboração de histórias mais extensas e com maior rol de personagens, houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos, com menores índices apresentados pelos psicóticos e, na sequência, pelo grupo com psoríase.

Se considerarmos que, nesta amostra, houve número menor de esquemas, associado ao menor número de personagens na população clínica-psiquiátrica do que na população geral, confirmam-se os dados anteriormente apresentados, em que quadros psicopatológicos apresentam diferenças nestes índices, quando comparado à população geral. E compreende-se que a boa ou má resolução das funções do pensamento e do conhecimento resultará na qualidade da estrutura linguística e comunicacional. A mãe que consegue decodificar a linguagem primitiva do bebê forma uma reciprocidade compreensiva, abrindo caminho para a formação de símbolos e logo da palavra e do discurso verbal (Zimerman, 1999).

Os usuários de *crack*, que por sua vez, normalmente utilizam-se de vários outros tipos de drogas, apresentaram em um estudo feito por Sayago, Lucena-Santos, Horta e Oliveira (2014) desempenho intelectual preservado, porém apresentaram desempenho ruim quanto a inteligência verbal, conhecimento semântico, desenvolvimento da linguagem e antecedentes educacionais. O que

contribui para a crença de que usuários de *crack* apresentam um déficit significativo nas funções cognitivas de aprendizagem e formação de conceitos.

Considerando os tipos de sujeitos usados como resposta nas narrativas e os tipos de objetos, no TRO pode-se observar como descreve a Tabela 7 as seguintes diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 7. Diferença das médias relacionadas aos tipos de sujeitos empregados nas narrativas, bem como dos objetos segundo os grupos, pelo Teste de Tukey:

Grupos	TIPOS DE SUJEITOS						TIPOS DE OBJETOS					
	Pop. geral		Detentos		Dep. químicos		Pop geral		Detentos		Dep. químicos	
Tipos	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
M	13,4	5,3	8,9	2,8	13,4	4,7	7,2	3,0	6,2	2,4	5,8	2,1
F	5,8	1,9	4,6	1,9	5,6	2,0	3,9	1,2	2,9	1,0	3,2	1,4
M/F	0,8	0,2	0,4	0,1	0,5	0,2	0,2	0,1	0,4	0,1	0,4	0,1
F/M	0,2	0,1	0,3	0,2	0,5	0,2	0,1	0,1	0,2	0,1	0,4	0,2
MA	2,4*	1,2	1,1	0,4	1,3*	1,0	1,3*	0,3	0,6	0,2	0,8	0,1
PA	1,5	0,4	1,5	0,6	0,8	0,3	4,7*	2,1	1,2	0,6	2,4	1,0
GRP	3,4**	1,2	2,2	0,8	2,1	0,9	2,7	0,9	2,4	1,0	1,6**	0,5
ID	1,3	0,4	3,6	0,3	1,5	0,7	2,8	0,4	2,9	1,0	3,3	1,0
SEGO	0,5	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	3,2	0,9	3,1	1,2	1,9	0,5
OBJ	2,6	1,0	3,9	1,2	5,1**	2,0	3,7	1,2	3,5	1,5	5,8**	2,0

* Diferença estatisticamente significativa entre os grupos considerando $p \leq 0,05$

** Diferença estatisticamente significativa do grupo para com os demais grupos considerando $p \leq 0,05$.

Cabe esclarecer que a comparação entre os grupos analisando-os em separado por sexo, manteve a mesma distribuição de significâncias estatísticas.

O protagonista de uma história do TRO representa o personagem com o qual o sujeito em análise está mais naturalmente ou positivamente identificado e acabará, muitas vezes, sendo pontuado apenas como M (masculino) ou F (feminino), de maneira consistente com o seu gênero na narrativa, segundo Shaw (2002). Pode-se observar que houve diferença estatisticamente significativa do grupo da população geral com maiores médias de sujeito MA (mãe) em comparação com os demais grupos; segundo o mesmo autor, com relação aos itens fundamentais, MA (mãe) e PA (pai), eles parecem, em geral, fazer referência de uma forma bem natural aos pais do sujeito em análise – portanto, o grupo da população geral identificou-se com figuras maternas em maior grau que os grupos clínicos, o que é confirmado quando analisamos os objetos que sofrem as ações nas narrativas: o grupo da população geral apresentou maiores médias estatisticamente significativas quando comparadas com o grupo de detentos, nos objetos MA (mãe) e PA (pai). Segundo Colacique (1995), a percepção de pessoas da família, no caso mãe e pai, demonstra uma preocupação com estes elos, no TRO, aspecto não evidenciado nos detentos.

O sujeito GRP (grupo) foi significativamente mais utilizado pelo grupo da população geral em respostas quando comparados aos demais grupos amostrais; o grupo clínico-psiquiátrico de dependência química apresentou médias menores que os demais grupos, com diferença estatisticamente significativa quanto a objetos de tipo GRP (grupo), o que nos indica que o grupo da população geral apresenta maior socialização do que os demais; e quanto ao grupo clínico-psiquiátrico de dependência química há mais um indicativo de baixa capacidade de socialização reforçada pelas respostas de objeto tipo GRP baixas – aspecto também evidenciado em estudo sobre depressão através do TRO, em que o grupo depressivo apresentou índices menores de respostas deste tipo, quando comparada a população geral (Colacique, 1995).

O grupo clínico de comportamento violento apresentou sujeito de tipo ID com maiores médias que os demais, isto é, o protagonista como uma representação do puro desejo ou impulso (Shaw, 2002). Fato compreensível, quando analisa-se indivíduos que tiveram comportamento quando analisa-se indivíduos que tiveram comportamento agressivo contra outras pessoas. Já o tipo de sujeito indeterminado (OBJ) foi utilizado com Já o tipo de sujeito indeterminado (OBJ) foi utilizado com médias mais altas, com diferença estatisticamente significativa, pelo grupo clínico-psiquiátrico de dependência química quando comparado com os demais, o que confirma a colocação de Shaw (2002) de que a utilização deste tipo de sujeito caracterizaria uma parcela de 2%, num grupo da população geral ou sem transtornos específicos, com baixos índices. O mesmo grupo também apresentou maiores médias de OBJ (indeterminado) quanto aos objetos da narrativa, quando comparado com os demais grupos. Segundo Phillipson (2010), a percepção de algo que não é humano indicaria um empobrecimento nas relações humanas, o que leva a pensar que a população clínico-psiquiátrica apresenta maior empobrecimento de suas relações interpessoais, segundo dados do TRO. Gabbard (2006) aponta que o uso pesado de múltiplas drogas foi diretamente relacionado à incapacidade dos adictos de tolerarem e regularem a proximidade interpessoal, já que os investigadores psicanalistas contemporâneos entendem a conduta adicta mais como um déficit no autocuidado do que um impulso autodestrutivo.

Os sujeitos e objetos utilizados nas narrativas podem ser descritos de modo simbólico ou não, segundo manual do TRO; na presente amostra, pode-se evidenciar que a população geral utilizou mais respostas simbólicas ($M=40,3$, $DP=7,3$), com diferenças estatisticamente significativas, que os demais grupos, considerando $p \leq 0,05$ com diferenças estatisticamente significativas, que os demais grupos, considerando $p \leq 0,05$. O grupo clínico-psiquiátrico de dependentes químicos apresentou médias estatisticamente maiores ($M=26,8$, $DP=1,9$) que a população geral ($M=20,3$, $DP=1,7$) de respostas de tipo não-simbólica. Estes dados não foram modificados quando analisando o sexo do sujeito. Assim entende-se que a população geral apresenta maior habilidade de abstração, enquanto que os grupos clínicos de comportamento violento e de

dependência química apresentam maior concretude em seus protocolos, ou seja, sua capacidade de abstração é menor.

A capacidade para realmente pensar de forma eficaz tem origem no plano inconsciente do ego, portanto implica na condição do sujeito passar pela posição depressiva, o único caminho que o possibilita a formação de símbolos, na teoria kleiniana, os quais por sua vez, permitem a generalização e as abstrações do pensamento (Zimerman, 1999). O pensamento abstrato, segundo Piaget (1965), somente desenvolver-se-á satisfatoriamente se as etapas anteriores forem suficientemente bem resolvidas, ou seja, estágio sensório-motor; pensamento pré-operacional e pensamento concreto.

O pensamento concreto se opõe à abstração, razão pela qual atribui-se ao pensamento primitivo o fato de ser concreto e sempre referido ao sensível, segundo Jung (1978). O concretismo é descrito pelo autor como uma projeção dos fatores íntimos no fato exterior, ocasionando a supervalorização supersticiosa do fato simples, característico das mentes mais primitivas, que, na presente amostra, é representada por ambos os grupos clínicos.

Especificamente quanto ao grupo clínico psiquiátrico, um estudo com alcoolistas evidencia que os grupos dependentes apresentam deficiências na fluidez verbal e na tomada de decisões, além de déficits na memória, aprendizagem, capacidade visoespacial, capacidades motoras e perceptivas, abstrações e funções executivas (Rigone, Irigaray, Moraes, Ferrão & Oliveira, 2014).

Quanto às ações exercidas pelos sujeitos das narrativas aos objetos das mesmas, no TRO, houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos nas ações de tipo visual, sexual e social como descrito na Tabela 8.

Tabela 8. Comparação das médias de cada tipo de ação utilizada nas narrativas por grupo:

Ações	Grupos					
	População Geral N(36)		Detentos N(40)		Dependência química N(30)	
	Media	DP	Media	DP	Media	DP
Visual	2,42*	1,1	3,53*	1,8	3,06	1,5
Oral	5,52	2,3	4,95	1,9	4,72	2,3
Anal	3,05	1,8	2,12	0,5	2,24	1,0
Sexual	5,72*	2,4	4,27*	2,1	5,31	1,8
Social	3,90**	0,7	2,05	1,6	2,13	1,0
Destrutiva	3,12	1,8	3,97	1,7	3,65	1,2

* Diferença estatisticamente significativa considerando $p \leq 0,05$, segundo Teste de Tukey

** Diferença estatisticamente significativa comparado aos demais grupos

Bleger (1988) foi o primeiro autor que descreveu uma fase anterior à posição esquizoparanóide proposta por Melanie Klein, a posição viscocárica. Usa de forma equivalente os conceitos, propostos por Bion, de partes ou níveis psicóticos da personalidade, para falar sobre relação e a transferência simbióticas que descreveu como núcleo aglutinado. Esta posição sugere que partes do self ficam aglutinadas no núcleo (célula mãe), com isso não há discriminação entre o eu e o não-eu, há uma fusão de diferentes componentes ou identificações de diversas experiências em momentos distintos, ou ainda uma fusão de objetos bons e ruins e uma fusão de diferentes fases do desenvolvimento da personalidade – sendo assim, levaria a estados confusionais proposto por Rosenberg ou a chamada angústia confusional proposta por Melanie Klein.

Considerando que a população geral apresentou menores médias de ação

tipo VIS (visual) com diferenças estatisticamente significativas em relação ao grupo clínico de comportamentos violentos, nos indica que o grupo de detentos baseia suas ações em iniciativas de cunho visual, ou seja, representante direto da posição viscocárica proposta por Bleger – em que o sentimento principal é a ausência do sentido de realidade, pois não há clivagem entre realidade interna e externa, há uma fusão entre os conteúdos do ser-contínente das projeções – uma das fases mais primitivas do desenvolvimento.

As avaliações da visão (VIS) são a matriz primitiva de iniciativas bem-sucedidas e frustradas a partir da qual todas as formas de lidar com o mundo passam a existir. É digno de nota, sob este ponto, que entre nossos seis modos de ação, são o VIS (visual) e o ORAL aqueles que parecem surgir com maior regularidade (Shaw, 2002). Na presente amostra a ação ORAL não diferiu entre os grupos quanto suas médias, mas foi uma das ações mais utilizadas nas narrativas.

A utilização da ação sexual (SEX) com maiores médias na população geral do que o grupo de detentos nos remete a ocorrência da fase genital, do simbolismo em maior grau, no primeiro grupo, o que para Klein representaria o desejo de cuidar do objeto e à preponderância do amor. Bem como este fato é reforçado na população geral quando apresenta maiores médias em ações sociais (SOC) do que os demais grupos. Isto indica uma maior habilidade social, mas não está estritamente ligada a uma ação baseada na moral, pois segundo o autor este já seria um aspecto a ser analisados nos sujeitos e objetos utilizados de tipo superego (SEGO). A ação destrutiva (DEST) não apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, o que nos faz acreditar na premissa de Klein de que o que contém no imaginário sádico também estão presentes no desenvolvimento normal de crianças absolutamente saudáveis (Cintra & Figueiredo, 2008).

Shaw (2002) explica que, no cerne da Teoria das Relações Objetais, está uma ideia simples, baseada na própria natureza de nossa existência como criaturas e, mais especificamente, como seres sociais, sexuais e, por destino, profundamente interligados. Todo organismo age sobre o que o cerca de muitas formas, momento a momento, de acordo com o que é capaz de promover suas necessidades de crescer e se reproduzir. Cada um tem seu

repertório de iniciativas de ações a ser usado em encontros com objetos de medo ou desejo. Um resultado bom ou ruim, em qualquer instância, significa o sucesso ou fracasso de uma iniciativa, o que significa que a *ação é implementada ou bloqueada*.

Pode-se observar, portanto, na Tabela 9, que a população geral apresentou médias maiores de implementação da ação, com diferenças estatisticamente significativas quando comparadas aos demais grupos, bem como, o bloqueio das ações foi menor com diferença estatisticamente significativa entre a população geral e o grupo de comportamento violento.

Tabela 9. Comparações das médias da implementação/bloqueio da ação nas narrativas, por grupos através do Teste de Tukey:

	Grupos					
	População Geral (n=36)		Detentos (n= 40)		Dependência química (n=30)	
	Media	DP	Media	DP	Media	DP
Implementado	20,75**	4,2	16,42	4,2	17,58	3,4
Bloqueado	3,11*	1,7	4,67*	2,9	3,41	2,8

* Diferença estatisticamente significativa entre os grupos com $p \leq 0.05$

** Diferença estatisticamente comparado aos demais grupos

As médias de implementação da ação nas narrativas, considerando sexo e grupos, pode-se perceber que quanto ao sexo masculino houve diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) entre o grupo da população geral com média de 19,04 (DP=3,0) e de detentos com média de 16,42 (DP= 4,2), bem como no índice bloqueado houve diferença estatisticamente significativa entre população geral com média de 2,71 (DP=1,5) e detentos com média de 4,67 (DP= 2,9). Quanto ao sexo feminino, houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos, tanto quanto a implementação quanto ao bloqueio das ações na narrativa, sendo que a população geral apresentou média de

23,13 (DP= 4,7) e dependentes químicos, média de 17,00 (DP= 2,8) para implementado e média de 3,66 (DP= 1,9) para população geral e média de 2,64 (DP= 1,0) para bloqueado.

O grupo clínico de comportamento violento apresentou menores índices de implementação da ação e maiores índices de bloqueio do que o grupo da população geral, no sexo masculino, e também quando consideramos os grupos independentemente do sexo. Isto é, há uma menor habilidade de se relacionar de modo satisfatório com seus objetos de medo e desejo, ou ainda a dificuldade de aprender com os erros anteriormente cometidos, nos sujeitos com comportamento violento. O que poderia estar associado ainda a uma dificuldade de resolução de problemas no trato social, como descrito por Coronel e Werlang (2011). Isto também ocorre na parcela feminina do grupo da população geral quando comparada com o grupo clínico psiquiátrico, que poderia estar relacionado à angústia de desamparo vivenciada pelos dependentes químicos, segundo Zimerman (1999), ou ainda sua rigidez em solucionar os problemas como descrito em Matumoto (2011).

Ou ainda, se considerarmos que no grupo clínico psiquiátrico, as médias foram menores que as da população geral com diferenças estatisticamente significativas, quanto a implementação da ação. Estes dados poderiam estar associados ao prejuízo na tomada de decisão, em que não conseguem aprender com erros anteriores. E junto a isso, uma menor capacidade de adotar estratégias eficientes para resolver problemas (Rigone, Irigaray, Moraes, Ferrão, Oliveira, 2014).

Analisando os afetos envolvidos nas narrativas, evidenciou-se que o grupo da população geral apresentou médias (M= 58,5, DP=3,2) maiores, com diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) quando comparado ao grupo de comportamento violento (M=43,5, DP= 4,5) e ao grupo clínico psiquiátrico de dependentes químicos (M= 41,5, DP=3,5). O que demonstra haver, na população geral, uma maior utilização de afetos quando em suas relações, com um rol de possibilidades mais amplo. Observando as médias de respostas dadas para cada afeto em resposta ao TRO, pode-se conforme Tabela 10.

Tabela 10. Comparação das médias com diferença estatisticamente significativa dos tipos de afetos descritos nas narrativas por grupo ANOVA comparações por Student-Newman-Keuls:

AFETOS				Postos Médios			Student-Newman-Keuls (p valor) **		
	H	GL	p-valor*	R1	R2	R3	1-2	1-3	2-3
Feliz (1)	13.42	2	0.0012	60.41	58.98	35.53	0.8381	0.0011	0.0016
Medo (4)	9.98	2	0,0068	65,37	43,82	50,29	0.0021	0,047	0.38
Idolatrado (5)	14.99	2	0.0006	65,47	39.3	56.41	0.0002	0.2332	0.0212
Amado (8)	7.29	2	0.026	63.83	48.77	45.37	0.0314	0.0152	0.6476
Poder (9)	10.89	2	0.0043	66.30	46.82	45	0.0054	0.0051	0.8059
Curioso (10)	14.49	2	0.0007	62.55	38.8	60.72	0.0007	0.8096	0.0032
Suspeita (11)	8.07	2	0.0177	63.89	49.98	43.637	0.0469	0.0077	0.3926
Compaixão (14)	8.10	2	0.0174	64.51	48.03	45.55	0.0185	0.0126	0.7379
Respeito (15)	27.07	2	0	68.70	55.4	30.18	0.0572	0.0001	0.0007
Tristeza (16)	10.89	2	0.0043	66.29	44.65	48.01	0.002	0.0162	0.6503
Dúvida (17)	9.92	2	0.007	60.11	57.4	38.10	0.6984	0.0038	0.0094
Gratidão (18)	8.25	2	0.0161	60.38	56.13	39.5	0.5434	0.006	0.0251
Culpa (20)	7.173	2	0.0277	63.87	47.27	47.39	0.0177	0.0301	0.9869
Indiferença (25)	7.159	2	0.0279	43.48	56.04	62.34	0.0428	0.0111	0.4068
Ciúmes (27)	6.3504	2	0.0418	63.02	49.6	45.24	0.055	0.0193	0.5573

** 1 grupo população geral; 2 grupo clínico de comportamento violento; 3 grupo clínico psiquiátrico de dependência química.

Não houve diferença estatisticamente significativa nos seguintes tipos de afetos: frustrado/indefeso (2); bravo/detestável (3); vergonha/inferioridade (6); repugnância/desdém (7); solitário/isolado (12); amor/afeição (13); alegria/júbilo (19); ganância (21); fé/esperança (22); alívio/redenção (23); carente/dependente (24); excitado (26); magoado/violado (28); choque/surpresa (29); tédio (30); resignação (31).

O ser humano tem uma força vital (energia) que se expressa de várias maneiras, que compõem um repertório de sentimentos e emoções. E as pessoas podem desenvolver comportamentos que podem ser considerados positivos (alegria, amor, compaixão) ou negativos (covardia, agressividade, traição). E especificamente sobre a intensidade de diversos tipos de comportamentos negativos, em especial, os violentos, é possível observar uma estreita relação com as mortes decorrentes dele. Assim a presença de comportamentos negativos (atitudes emocionais) estaria relacionado a presença de comportamentos desviantes quando com grande intensidade. Os afetos utilizados pela população clínica psiquiátrica e clínica de comportamento violento confirmam esta premissa, nas narrativas do TRO (Imberti,2001). Já que o grupo clínico-psiquiátrico e o grupo de comportamento violento diferiram significativamente do grupo da população geral com menores médias quanto aos afetos: feliz, amado, poder, suspeita, compaixão, tristeza, culpa e medo. E maiores médias que o grupo da população geral quanto à indiferença. E que o grupo clínico-psiquiátrico apresentou menores médias com diferença estatisticamente significativa em relação a população geral quanto ao afeto ciúmes.

O grupo clínico psiquiátrico de dependência química diferiu com menores médias dos demais grupos quanto aos afetos respeito, dúvida e gratidão. Para Zimmerman (1999) o adicto vai criando um mundo secreto, com a negação dos afetos, tal como ocorre na alexitimia. O sujeito apela à adição como uma tentativa de manter a sensação de estar vivo, enquanto a abstinência gera nele a sensação de não existir. As adições estão ligadas a uma tentativa de o sujeito de preencher vazios existenciais decorrentes de uma angústia de desamparo e, para tanto, lança mão de uma saída ilusória (drogas). Segundo

Gabbard (2006) a patogênese da adição às drogas é a incapacidade de regular afetos, no controle de impulsos, e de manter a auto-estima.

A população geral apresentou maiores médias que o grupo clínico de comportamento violento e este apresentou maiores médias que o grupo clínico psiquiátrico de dependência química nos afetos: idolatrado e curioso. Como idolatrado aqui remete-se a reverência e encanto, e curioso refere-se a interesse e fascínio, os dois dependem da capacidade de vincular-se e desejar uma relação – o que justifica as diferenças, segundo Shaw (2002).

Quando as comparações ocorreram entre os grupos considerando a parcela masculina destes, para assim evitar um viés, percebeu-se que os afetos que apresentaram diferença estatística se alocaram em 05 tipos: idolatrado (5) e curioso (10) em ambos afetos a população geral apresentou maiores médias que o grupo clínico de comportamento violento, e este apresentou maiores médias que o grupo clínico de dependência química; respeito (15) houve diferença estatisticamente significativa entre todas as comparações, com população geral com maior média seguida do grupo de comportamento violento e com menor média o grupo de dependência química; tristeza (16) população geral apresentou maiores médias que os demais grupos; indiferença (25) houve diferença estatisticamente significativa entre todos os grupos em que o grupo clínico psiquiátrico apresentou maiores médias que o grupo clínico de comportamento violento e com menores médias a população geral. Na verdade, o único afeto que apresentou uma distribuição estatística diferenciada quando estratificado por sexo foi o afeto indiferença (25) que indicou a diferença entre o grupo de comportamento violento com menor média que o grupo de dependência química com diferenças estatisticamente significativas.

Destacando especificamente os sentimentos de tristeza, culpa e medo, que para Shaw (2002) estão diretamente ligados a ansiedade e depressão no TRO, foram característicos da população geral, aliados a sentimentos positivos. Os grupos clínicos apresentaram menores ocorrências destes. Assim pode-se entender que quando há o predomínio da posição depressiva, a criança se identifica com o objeto bom e seus anseios libidinais aumentam. Há a necessidade de introjetar o objeto bom de modo voraz e repetitivo, para que se

sinta segura de sua permanência, pois sente medo de perdê-lo. Só que o sofrimento causado pela posição depressiva faz com que o sujeito retorne a posição paranóide, surgem novas ansiedades, já que o perseguidor externo depositário de todos os aspectos maus projetados, é reconhecido como próprio – precisa-se então reparar os objetos e atenuar a culpa (Cintra & Figueiredo, 2008).

Como a tendência reparadora, para Klein (1978) se deriva fundamentalmente do instinto de vida, traz consigo fantasias e desejos libidinais. Essa tendência participa em todas as sublimações, e deste estágio em diante, constituirá sempre o grande meio pelo qual a depressão é mantida sob controle e diminuída.

Assim, elaborar a posição depressiva é então permitir que objetos sejam reparados e a capacidade de amar predomine sobre o ódio e a desconfiança, o que levaria a uma forte introjeção do objeto bom. Para que tal introjeção aconteça é preciso um aumento da tolerância à frustração, o que significa aumento da tolerância à própria realidade psíquica. Quando bem elaborada a posição depressiva cria e amplia um espaço psíquico onde os conflitos poderão ser enfrentados e elaborados (Cintra & Figueiredo, 2008). Para isso, os sujeitos necessitam de um sistema defensivo capaz de possibilitar estas elaborações.

Analisando, portanto, as defesas empregadas na elaboração das narrativas do TRO, pode-se perceber conforme Tabela 11 que a população geral apresentou maiores médias da defesa de deslocamento, bem como de defesas repressivas do que os demais grupos. Assim como a população geral apresentou maior média do que os demais grupos quanto à defesa regressão, e o grupo de detentos apresentou maior média que o grupo clínico psiquiátrico de dependentes químicos, com diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 11. Comparação das médias das defesas empregadas nas narrativas conforme grupo, segundo estatística ANOVA através do Teste de Tukey:

DEFESAS	Grupos					
	População Geral N(36)		Detentos N(40)		Dependência química N(30)	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Primitivas	23,8	1,6	21,1	1,7	22,8	1,7
Deslocamento	3,56**	1,0	2,33	1,4	1,37	2,2
Repressivas	16,9**	5,3	8,6	3,7	7,4	2,6
Regressão	6,77^{*a}	2,6	3,87^{*c}	1,3	5,34^{*b}	1,3

** diferença estatisticamente significativa quando comparado aos demais grupos, considerando $p \leq 0,05$

^{*abc} diferença estatisticamente significativa segundo seqüência de letras, considerando $p \leq 0,05$

As defesas primitivas começam a atuar desde o nascimento e estão a serviço da contenção da ansiedade e da perpetuação da separação entre o pólo bom e mau. De qualquer maneira, se não forem contidas, as Defesas Primitivas subvertem o crescimento mental e a estabilidade de duas formas intercaladas: elas arruinam de uma única vez (a) a construção e a manutenção de uma identidade que de forma realista acomode as qualidades positivas e negativas e (b) o estabelecimento de uma clara e duradoura diferenciação de si mesmo em relação aos outros (Shaw, 2002).

Entre os grupos aqui analisados não houve diferença estatisticamente significativa quanto às médias de defesas primitivas, indicando que a presença deste tipo de defesas se assemelha entre os grupos, e confirma que a sua utilização ocorre no decorrer da vida adulta em momentos que a ambivalência ocorre (Shaw, 2002, Cintra & Figueiredo, 2008). Um excesso de defesas primitivas em um adulto pode indicar a presença de um limite (*borderline*) ou

até mesmo um distúrbio psicótico, em que a base de integridade da mente e da personalidade levanta questões, o que não seria condizente com os grupos aqui avaliados. Ou ainda como coloca Zimerman (2005), a defesa por mais primitiva que seja, inicialmente, é útil para o desenvolvimento do psiquismo e, assim, de forma sadia, pode se manter por toda a vida.

Desde os primórdios do trabalho psicanalítico com crianças, os brinquedos e a arte têm sido reconhecidos na vida das crianças como modos cotidianos de expressão “em deslocamento”. Em termos gerais, o deslocamento representa, com todo o seu simbolismo, retirar de algo e colocar em outro, o que significa que no ser humano esse mecanismo básico existe em grande extensão. Mais precisamente, trata-se de uma condição exigida, ainda que raramente suficiente, para qualquer uso em qualquer simbologia: falando semioticamente, a atenção move-se do “signo” para o “significante”, a explicação dada por Shaw (2002), alicerça a explicação do fato de a população geral apresentar maiores índices desta defesa do que os demais grupos.

Mas a diferença quanto às defesas está na presença em maior número das defesas repressivas no grupo da população geral em comparação com os demais grupos, as defesas repressivas são características de um ego mais maduro com maiores habilidades simbólicas e relacionais, por já terem vivenciado a posição depressiva (Fenichel, 1997).

Quanto ao último mecanismo de defesa analisado a regressão observou-se a população geral obteve maiores médias que o grupo clínico de comportamento violento e do grupo clínico psiquiátrico, assim como, o grupo clínico de comportamento violento obteve menores médias que o grupo clínico psiquiátrico. A regressão permite que qualquer pessoa em momentos difíceis possa fazer um retorno aos pontos de fixação, em busca de um resgate daquilo que lhe falta devido às frustrações que deixaram vazios à espera de um preenchimento (Zimerman, 2005). Segundo Werlang & Cunha (1993) as tarefas inestruturadas, tem maior probabilidade de fazer aparecer conteúdos primitivos do indivíduo que responde ao teste. Em técnicas mais estruturadas necessita-se que o indivíduo lance mão de certa organização, mais característico do processo secundário. Com isso entende-se que a regressão pode funcionar de modo adaptativo ou não. Ela ajuda o ego, ao invés de perder o controle,

apenas relaxa-lo. E é graças a este mecanismo que o processo de elaboração frente ao estímulo projetivo, se torna possível, uma vez que para responder ao teste o indivíduo precisa, concomitantemente, diminuir a censura interna e mobilizar recursos para que consiga executar com sucesso a resposta.

Cabe ainda reforçar que através do Teste de Correlação de Spearman, foi possível verificar a existência de correlação direta da maior ocorrência de defesas primitivas em relação a maior ocorrência das ações VIS, ORAL, e ANAL com $p \leq 0,01$, bem como a menor ocorrência de defesas repressivas com menor número de ações SEX, SOC e DEST no grupo de dependentes químicos. O grupo da população geral apresentou correlação direta utilizando o mesmo teste estatístico, entre as defesas repressivas e a maior ocorrência de ações tipo SEX, SOC e DEST. Quanto ao grupo de comportamento violento não evidenciou-se correlações diretas entre defesas e ações.

O último aspecto analisado nas narrativas é a percepção que o participante tem do estímulo (lâmina), chamado segundo o manual do TRO de Variação de Estimulo (VE), ou seja, a inclusão ou omissão de pessoas nas lâminas pictóricas. Pode-se perceber na comparação entre os grupos, que o grupo clínico psiquiátrico de dependentes químicos apresentou médias significativamente mais altas ($M= 4,9$, $DP= 1,9$) quando comparado com o grupo de comportamentos violentos ($M= 3,4$, $DP= 1,5$) e com o grupo população geral ($M=2,9$, $DP= 1,2$), quanto a alteração da percepção das figuras (omissões/inclusões) nas lâminas do TRO, considerando $p \leq 0.05$.

Phillipson (2010), O'Kelly (1955/1957) e Coleman et al (1969) analisaram a alteração perceptiva quanto ao número de personagens. O'Kelly (1957) observou que em um grupo de adolescentes ladras houve maior acréscimo nas histórias, nas que haviam história de separação materna. Quando o grupo de ladras adolescentes foi comparado ao grupo da população geral integralmente não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Coleman (1969) apresenta que há proporções significativamente maiores dos pacientes desviantes das normas da Tavistok em relação ao grau de adoecimento. Portanto haveria uma diferença observável estatisticamente quanto ao desvio perceptual das amostras clínicas. Igualmente pode-se observar este aspecto na presente amostra, no que se refere ao grupo clínico

psiquiátrico. Já quanto ao grupo clínico de comportamento violento não foi possível identificar diferença nas médias em relação a população geral, como ocorreu no estudo de O'Kelly (1955/1957) e compreende-se que a normalidade e a patologia da função perceptiva do ego se refere não só a como o indivíduo percebe o mundo exterior e a possível intenção dos outros, mas também abarca uma visualização de como o paciente percebe a si próprio, a sua imagem corporal, as suas representações e o seu sentimento de identidade (Zimmerman, 1999).

Considerações Finais

O Teste de Relações Objetivas (TRO), foco deste estudo, mostrou-se capaz de diferenciar os grupos-critério, considerando o sistema de correção proposto por Shaw (2002). Foi possível observar que o grupo da população geral apresentou desempenho mais adaptativo do que os demais. O grupo clínico-psiquiátrico de dependência química apresentou, em comparação com os demais, maior rigidez, ou menor capacidade adaptativa, enquanto que o grupo clínico de comportamentos violentos diferenciou-se em muitos aspectos do grupo da população geral e assemelhou-se ao de dependentes químicos; porém em alguns aspectos assemelhou-se mais aos participantes da população geral. O grupo de comportamentos violentos acabou por ficar entre os outros dois: em alguns resultados equiparou-se aos participantes *normais* e em outros ao grupo *patológico*. Este estudo é uma contribuição inicial ao tema e, mesmo considerando suas limitações quanto ao número amostral e diversidade de grupos analisados, pode-se observar as diferenças que marcam a personalidade característica destes grupos.

Faz-se, portanto, necessário o seguimento dos estudos com este instrumento e sugere-se que sejam utilizados outros grupos de comparação, associados a diferentes níveis intelectuais, bem como, estudos culturais, de modo que cada novo esforço de pesquisa possa contribuir para a adaptação do TRO à realidade brasileira.

Referencias Bibliográficas

- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2003). Manual for the ASEBA Adult Forms & Profiles. Burlington: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- American Educational Research Association. American Psychological Association & National Council on Measurement in Education (1999). Standards for educational and psychological testing. American Educational Research Association: Washington DC.
- Aston J. (1971) Personality Factors and Verbal participation in a new therapy group. British Journal of Psychiatry, 119.57-58.
- Bandeira, D.R.; Trentini, C; Winck, G.E; & Lieberknecht, I (2006). Considerações sobre as técnicas projetivas no contexto atual. In: A.P.P Noronha, A.A.A Santos & F. Sisto (Org). Facetas do fazer em avaliação psicológica. (PP. 126-139). São Paulo: Vetor.
- Bleger, J. (1988) Simbiose e Ambigüidade: Estudo Psicanalítico. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Borges, V.R. (2011). Teste dos Contos de Fadas: estudo de evidências de Validade. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Colacique, M.A (1995). Depressão Infantil associada a um tipo especial de luto. In: J.T. Rosa (org) Atualizações Clínicas com o Teste de Relações objetais de Phillipson. (pp27-48) São Paulo: Associação de Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos.
- Coleman, J. (1969) The Perception of Interpersonal Relationships during adolescence. Brit.J.Edu. Psychol. 39, 253-260.
- Coronel, M.K & Werlang, B.S.G (2011) Resolução de Problemas em Homicidas e Tentadores de Suicídio. Bol. Psicol, 61 (134), 103-116.

- Elkan, G. (1988). Scoring Systems for the Object Relations Technique. British Journal of Projective Psychology, 33, 1, 138-153.
- Fairbairn, W.R.D. (1952). Psycho-analytic studies of personality. Londres: Tavistock Publications.
- Fenichel, O (1997) Teoria Psicanalítica das Neuroses . São Paulo: Atheneu.
- Gabbard, G. (2006) Psicodinâmica na Prática Clínica. Porto Alegre: Artmed.
- Haskell, R (1961) The relationship between aggressive behaviour and psychological tests. J.of Proj. Techniques, 18, 432-439.
- Imberti, J. (2001). Miradores sobre la Violencia. In N. Cardoso, S. Chemen, J. Correa, G. Guebel & C. Hernaez. (pp. 17-52) Buenos Aires: Paidós.
- Jung, G. (2002). O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Klein, M (1948) Psicoanálise Del Niño. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica.
- Klein, M. (1978) Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê. (217-289). In Klein, M; Heimann, P; Isaacs, S e Riviere, J. (org) Os Progressos da Psicanálise. São Paulo: JC Editora.
- Lis, A; Basile, A & DeZordo, M (1988) Different symbolisations ability as revealed by the application of Phillipson's Object Technique: A contribution to the ORT discriminant validity. British Journal of Projective Psychology, 33(1), 126-137.
- Lucena-Santos, P., & Oliveira, M. S. (2012). Análise da estrutura fatorial das escalas sindrômicas do ASR (Adult Self-Report) na realidade brasileira. Anais do IX Congresso da ALAPCO - Associação Latino-americana de Psicoterapias Cognitivas - Temática: Terapias Cognitivas: Agregando Novos Saberes - Rio de Janeiro.
- Matumoto, P.A. (2011) Avaliação das funções executivas em dependentes químicos. Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado. São Paulo.

- Montero, I & Leon, O.G. (2005). Sistema de Classificacion Del Metodo em los Informas de Investigaci3n em Psicologia. International Journal Of Clinical and Health Psychology, 5(1), 115-127.
- O'Kelly (1955) A research sample: normal adolescent girls. In H. Phillipson (org) Test de las relaciones Objetales. Buenos Aires Paid3s.
- O'Kelly, E. (1957). Na Investigation, by means of the ORT. Test into some of the effect of early separation from the mother on the personal relationships of adolescent delinquent girls. J.Ment. Sci, 103, 381-391.
- Ocampo, M.L.S & Arzeno, M.E.G. (1985) O teste de rela33es objetais de Herbert Phillipson. (p.121-178) In Ocampo, M.L.S. O Processo Psicodiagn3stico e as Tecnicas Projetivas. S3o Paulo: Martins Fontes.
- Oliveira, M. S., Santos, P. L., & Yates, M. B. (2011). Evid3ncias de validade do ASR para a realidade brasileira: dados preliminares da an3lise da estrutura interna. Anais do VIII Congresso Brasileiro de Terapias Cognitivas. Florian3polis.
- Orme ,J.E. (1959) The ORT Performance in Schizophrenia. Journal of Medical Science. 105, 1119-1122.
- Phillipson, H. (1976) Uma breve introdutorial Test de relaciones objetales. In Verthelyi, R. F (org). El Teste de Relaciones Objectales de H. Phillipson. Buenos Aires: Nueva Visi3n.
- Phillipson, H. (1988) The Use of ORT as a Facilitator of Maturational Processes: Some Implications for a Range of Applications with Special Reference to Subliminal Activation of Preconscious Processing. B.J. Projective Psychology, 33 (1), 83-95.
- Phillipson. H. (2010). Test de Relaciones Objetales. Buenos Aires: Paidos.
- Piaget. J. (1976) A forma33o do s3mbolo na crian3a. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Primi, R & Nunes, C.H.S (2010) Aspectos Tecnicos e conceituais da ficha de avalia33o dos testes psicol3gicos. In: Conselho Federal de

Psicologia/CFP (org) Avaliação Psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão. (PP.101-127). Brasília, CFP.

Primi, R., Muniz, M. & Villemor-Amaral, A. E. (2009). Validade do Zulliger no Sistema Compreensivo. In: A. E. Villemor-Amaral & R. Primi (Orgs). Teste de Zulliger no sistema compreensivo ZSC – forma individual (pp. 137-173). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Primi, R; Muniz, M & Nunes, C.H (2009) Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. In C.S Hutz (org). Avanços e polêmicas em avaliação psicológica (PP. 243-265). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Raven, J. C. (2003). Matrizes Progressivas: Escala Geral, Séries A, B, C, D e E. Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada.

Rayner, E.H & Hahn, H (1964) Assessment for Psychotherapy. Brit.J.Med. Psychol, 37, 331-342.

Rigone, M, Irigaray, T.Q, Moraes, J.F, Ferrão, Y & Oliveira, M.S (2014). Desempenho neuropsicológico y características sociodemograficas em pacientes alcoholicos em tratamento. Adicciones, 26 (1), 221-229.

Rosa, J.T.& Silva, J. (2005) Desenvolvimentos na prática clínica com o Teste de Phillipson. São Paulo: Vetor.

Rosa, J.T.& Silva, J. (2005) Desenvolvimentos na prática clínica com o Teste de Phillipson. São Paulo: Vetor.

Sayago, C.B; Lucena-Santos, P; Horta, R.L & Oliveira, M.S (2014). Perfil Clínico e Cognitivo de Usuários de Crack internados. Psicologia: Reflexão e Crítica, 27 (1) 21-28). Shaw, M (1988) The Object Relations Technique: Contribution to a generalized conceptual framework with special reference to the Bagby Adaptation. B.J. Projective Psychology, 33 (1), 4-83.

Shaw, M.A. (2002) Object Relations Tecnique. New York: O.R.T institute.

Urbina, S. (2007). Fundamentos da Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artmed.

Verthelyi, R. F (1976). El Teste de Relaciones Objectales de H. Phillipson.

Buenos Aires: Nueva Visión.

Verthelyi, R; Nijankin, G.C & Fernánéz, N.E (1976). Uma Aproximacion normativa al test de relaciones objetales. In R. Verthelyi (org)). El Teste de Relaciones Objectales de H. Phillipson. (PP. 97-166) Buenos Aires: Nueva Visión.

Werlang, B.S.G & Cunha, J.A. (1993) Avaliação da Personalidade sob o enfoque Projetivo. IN: J.A. Cunha (Org) Psicodiagnóstico – R. (PP. 123-129). Porto Alegre: Artes Médicas.

Zimerman (1999) Fundamentos Psicanalíticos. Porto Alegre: Artmed.

Zimerman. D.E. (2005) Psicanálise em Perguntas e Respostas: verdades, mitos e Tabus. Porto Alegre: Artmed.

CONCLUSÕES E PROPOSTAS PARA TRABALHOS FUTUROS

A avaliação psicológica torna-se foco de discussões dentro do cenário da psicologia, com maior ênfase nos últimos anos. Com as resoluções implementadas pelo Conselho Federal de Psicologia, na busca pela qualificação dos testes psicológicos. Mas apenas a qualificação instrumental não torna-se suficiente, necessita-se de profissionais éticos e capazes tecnicamente de lidar com este material.

O trabalho do psicólogo com testes psicológicos, em especial os projetivos, é uma tarefa bastante elaborada que necessita de um arcabouço teórico que sustente a compreensão do que aquele instrumento avalia, que são os mais variados hoje, disponibilizados no mercado.

No que se refere à proposta do estudo desta Tese de Doutorado, ficou evidente a necessidade de conhecer um instrumento psicológico criado há muitos anos e tentar, mesmo que inicialmente, agregar valor aos achados. Ou ainda, permitir que dentro de um contexto controlado ele pudesse expressar suas capacidades.

Foi desta forma que se desenvolveu esta Tese, tendo como objetivo demonstrar que o TRO avalia o que se propõe avaliar, ou seja, a personalidade dos indivíduos sob uma perspectiva das relações objetais. Além disto, não se pode deixar de mencionar, também algumas limitações e fragilidades. Embora não se tenha tido a pretensão de dar conta da totalidade dos estudos de validade, muito pelo contrário, focou-se numa pequena parcela dela. Sabe-se da importância de se investir em novas pesquisas, como por exemplo, estudos com pessoas de diversas fases desenvolvimentais (infância e adolescência), estudos com grupos nosológicos variados (psicóticos, transtornos afetivos, somáticos, entre outros. E mostra-se primordial aumentar o número das amostras assegurando maior poder aos dados encontrados, e permitindo novas avaliação estatísticas. Por se tratar de um protocolo muito extenso torna-se necessário uma amostra de grande espectro e para tanto necessita-se de tempo e suporte pessoal para a execução do projeto maior que é a adaptação do Teste de Relações Objetais para a realidade brasileira.

Acreditando na importância de se ter à disposição instrumentos psicológicos confiáveis reside, principalmente, pelo fato de que representam ferramentas auxiliares na coleta de dados sobre um sujeito e auxiliam na compreensão do fenômeno estudado. Para tanto, é relevante salientar, que o TRO, nos dá indícios de validade psicométrica quando consegue distinguir os grupos utilizados como critério e que houve uma concordância quase perfeita entre e intra juízes, além de apresentar um sistema de categorização que permite sustentar os diferentes modos de resposta a um instrumento tão difuso. Apregoa-se então, que torna-se válido manter os esforços para continuar os estudos envolvendo este instrumento.

ANEXOS

ANEXO 1 - APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS

PROJETO DE PESQUISA

Título: Adaptação Brasileira do Teste de Relações Objetais (TRO).

Área Temática:

Pesquisador: Blanca Susana Guevara Werlang

Versão: 3

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS

CAAE: 02133312.0.0000.5336

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 36325

Data da Relatoria: 05/06/2012

Apresentação do Projeto:

O presente projeto tem como proposta desenvolver estudo de normatização e das propriedades psicométricas do Teste de Relações Objetais (TRO), instrumento projetivo que possibilita ao psicólogo avaliar variáveis da personalidade sob o enfoque psicanalítico. Trata-se de um teste de produção verbal, a partir de estímulos visuais bastante ambíguos.

Objetivo da Pesquisa:

- Objetivo Geral: Criar subsídios para a adaptação à realidade brasileira do Teste de Relações Objetais com o intuito de poder ter um instrumento confiável para a identificação da dinâmica da interação humana.
- Objetivos Específicos: - Verificar se o sistema de categorização de respostas original pode ser aplicado integralmente às verbalizações dos adolescentes e adultos brasileiros.
- Submeter o sistema de categorização de resposta ao procedimento de fidedignidade entre avaliadores.
 - Verificar a estabilidade temporal do instrumento, a evidência de validade de critério baseada na relação com variáveis externas, e baseada na estrutura interna do teste avaliando a consistência interna dos componentes da personalidade do sistema de categorização de Respostas.
 - Identificar a presença, ou não, de respostas características em adolescentes e adultos, a partir de suas verbalizações a cada uma das lâminas do TRO.
 - Organizar tabelas normativas para adolescentes e adultos (da população geral e da população clínica).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As atividades previstas não colocam em perigo o participante, entretanto nos encontros com os participantes, o trabalho poderá ser suspenso se: a) for constatado baixo desempenho cognitivo e b) forem observadas manifestações que denunciem mobilização afetiva excessiva que possa comprometer o andamento das entrevistas e, principalmente, o bem-estar psicológico do participante.

Para o participante o benefício será a contribuição pessoal para o desenvolvimento de um estudo científico que poderá levar a obtenção de um instrumento confiável para a compreensão de aspectos da personalidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Considero que os aspectos científicos e metodológicos estão bem detalhados. Consiste de estudo quantitativo, do tipo transversal, da categoria de estudos instrumentais. O estudo será constituído por dois grupos amostrais: o da população geral e o clínico, localizados por conveniência. O grupo da população geral será constituído por 672 sujeitos (seis subconjuntos de 112 cada: Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia, Aracaju e Manaus).

O grupo clínico será constituído por várias sub amostras localizadas nas seis cidades anteriormente mencionadas. O total de sujeitos que comporão o grupo amostral clínico (sub amostras clínica-psiquiátrica - 80, violência interpessoal-120, violência auto infligida-20) será de aproximadamente 220 participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta as cartas necessárias a sua avaliação, bem como todos os documentos necessários para a

ANEXO 2 – APROVAÇÃO PELA COMISSAO CIENTÍFICA PPG-PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

- COMISSÃO CIENTÍFICA -

Parecer Consubstanciado de Projeto (2 VIAS)

Título do Projeto:

Evidências de Validade do Teste de Relações Objetais

Pesquisador(es) Responsável(is):

Márcia K. Coronel

Professor Orientador:

Margareth Oliveira

Data:

15/12/2013

Protocolo:

Data do Parecer:

15/12/2013

Grupo e área temática:

Grupo III

Classificação utilizada pelo CONEP:

7.07 - PSICOLOGIA

IDENTIFICAÇÃO:

Título	Não Adequado
Relação dos pesquisadores	Adequado
Origem do Projeto	Professor
Projeto elaborado por patrocinador	Sim
Local de Realização	FAPSI-PUCRS
Outras Instituições envolvidas	Não
Condições para realização	Adequado

Comentários sobre os itens de **IDENTIFICAÇÃO**: (limite 5 linhas)

Os dados de identificação estão adequados. Sugere-se a troca do nome da professora orientadora no Projeto

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Adequado

Comentários sobre a **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**: (limite 5 linhas)

A Fundamentação teórica é adequada à temática a ser desenvolvida no estudo.

OBJETIVOS

Adequado

Comentários sobre os **OBJETIVOS**: (limite 5 linhas)

Os objetivos estão bem formulados e mostram-se exequíveis no desenvolver do Projeto de Tese.

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 - P. 11- 9º andar - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax (51) 3320 - 3633
E-mail: psicologia-pg@puccrs.br
www.puccrs.br/psipos



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PROBLEMA / QUESTÕES

Adequado

Comentários sobre **PROBLEMA / QUESTÕES**: (limite 5 linhas)

MÉTODO:

Delineamento	Adequado
Amostra / corpus	Adequado
Procedimentos para coleta	Adequado
Procedimentos para análise e interpretação	Adequado
Participantes pertencentes a grupos especiais	Não
Seleção equitativa dos indivíduos participantes	Adequado
Critérios de inclusão e exclusão	Adequado
Relação risco-benefício	Adequado
Privacidade e confidencialidade	Adequado
Termo de consentimento	Adequado
Adequação às normas APA - ABNT	Sim

Comentários sobre o **MÉTODO**: (limite 8 linhas)

O método é pertinente aos objetivos e a proposta do estudo.

CRONOGRAMA

- Data de início prevista	Necessita Reformulações	
- Data de término prevista	/	/
	/	/

Comentários sobre o **CRONOGRAMA**: (limite 5 linhas)

Não consta no Projeto.

ORÇAMENTO

Adequado

Comentários sobre o **ORÇAMENTO**: (limite 8 linhas)

Precisa ser assinado também pela professora orientadora.

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 - P. 11- 9º andar - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax (51) 3320 - 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

--

REFERÊNCIAS	Adequado
--------------------	----------

Comentários sobre as **REFERÊNCIAS**: (limite 5 linhas)

--

RECOMENDAÇÃO	Necessita reformulações
---------------------	-------------------------

Comentários gerais sobre o **PROJETO**: (limite 15 linhas)

O Projeto está bem elaborado e consistente em relação a seus objetivos. Precisam ser revisados os seguintes tópicos:

- Mudar o texto e a assinatura da professora orientadora no decorrer do Projeto (principalmente no TCLE);
- Incluir currículo da doutoranda;
- Incluir Cronograma da Tese;
- Incluir nome e assinatura da professora orientadora no Orçamento.

Novo parecer caso solicitadas reformulações:

DATA 17/12/2013

Projeto atendeu indicadores do Parecer. Está aprovado!

Identificação do Parecerista

Nome por extenso: MÔNICA MACEDO

Assinatura: *Mônica Macedo*

Parecer final

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 - P. 11 - 9º andar - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax (51) 3320 - 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos

ANEXO 3- FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

FICHA DE DADOS PESSOAIS E SOCIODEMOGRÁFICOS

Examinador: _____		Data: _____																																										
Nome do Participante: _____		Local de Nascimento: _____																																										
Data Nascimento: _____		Idade: _____																																										
Local da Entrevista: _____																																												
<p>1. Estado Civil a. () Casado(a) ou união estável b. () Solteiro(a) c. () Viúvo(a) d. () Separado(a) e. () Divorciado(a) f. () Outro:</p> <p>2. Você pratica alguma religião? a. () Sim b. () Não</p> <p>Qual?</p> <p>3. Escolaridade: a. () Ensino Fundamental b. () Ensino Médio Série/Ano Atual: _____ c. () Ensino superior (Qual Curso?) Semestre atual: _____</p> <p>4. Tem filhos? a. () Sim b. () Não</p> <p>Quantos?</p> <p>Idade(s):</p> <p>5. Mora com alguém? (marcar mais de uma opção, caso seja necessário) a. () Pais b. () Mãe c. () Pai d. () Madrasta/padrasto e. () Irmãos Quantos irmãos? _____ f. () Filho(a) g. () Avós h. () Amigo(a) i. () Sozinho j. () Espos(a) ou Companheiro(a) Há quanto tempo? _____ l. () Instituição m. () Outro:</p> <p>6. Sua residência é: a. () Própria b. () Alugada c. () De familiar d. () Instituição</p> <p>7. Você trabalha? a. () Sim b. () Não</p> <p>8. Se trabalha, qual a atividade que você exerce (especifique a função)?</p>	<p>9. A renda de sua família provém de: a. () Pensão b. () Salário c. () Ajuda de terceiros d. () Aposentadoria f. () Outro:</p> <p>10. Dos itens abaixo, assinale quais e quantos você possui em sua residência:</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Itens</th> <th>Não tem</th> <th>Tem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Televisão a cores</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Rádio</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Banheiro</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Automóvel</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Empregada mensalista</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Aspirador de pó</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Máquina de lavar</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Vídeo cassete e/ou DVD</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Geladeira</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Telefone</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Telefone celular</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Computador</td> <td>0 1 2 3 4 ou +</td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <p>11. Você tem algum problema de saúde (doença física)? a. () Sim b. () Não</p> <p>Qual (is)?</p> <p>12. Você tem algum problema psicológico? a. () Sim b. () Não</p> <p>Qual (is)?</p> <p>13. Já fez/faz tratamento psicológico e/ou médico? a. () Sim b. () Não</p> <p>Qual (is)?</p> <p>Há quanto tempo?</p> <p>Frequência:</p> <p>14. Utiliza alguma medicação? a. () Sim b. () Não</p> <p>Qual (is)?</p>	Itens	Não tem	Tem	Televisão a cores	0 1 2 3 4 ou +		Rádio	0 1 2 3 4 ou +		Banheiro	0 1 2 3 4 ou +		Automóvel	0 1 2 3 4 ou +		Empregada mensalista	0 1 2 3 4 ou +		Aspirador de pó	0 1 2 3 4 ou +		Máquina de lavar	0 1 2 3 4 ou +		Vídeo cassete e/ou DVD	0 1 2 3 4 ou +		Geladeira	0 1 2 3 4 ou +		Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0 1 2 3 4 ou +		Telefone	0 1 2 3 4 ou +		Telefone celular	0 1 2 3 4 ou +		Computador	0 1 2 3 4 ou +		<p>15. Quando você tem problemas, recorre a quem?</p> <p>16. Alguém em sua família fez/faz tratamento médico e/ou tratamento psicológico? a. () Sim b. () Não</p> <p>Quem?</p> <p>Motivo:</p> <p>Há quanto tempo?</p> <p>17. Alguém de sua família possui alguma doença física? a. () Sim b. () Não</p> <p>Qual (is):</p> <p>Quem?</p> <p>18. Alguém de sua família possui alguma doença mental? a. () Sim b. () Não</p> <p>Qual (is):</p> <p>Quem?</p> <p>19. Existe história de suicídio em sua família? a. () Sim b. () Não</p> <p>Quem?</p> <p>Há quanto tempo?</p> <p>20. Você pensa, pensou ou tentou suicídio?</p> <p>Como e Há quanto tempo?</p> <p>21. É fumante? a. () Não b. () Nunca fumou c. () Parou há mais de 1 ano d. () Parou há menos de 1 ano e. () Sim f. () Finais de semana / festas</p> <p>22. Costuma beber ou usar drogas? a. () Não b. () Nunca c. () Parou há mais de 1 ano d. () Parou há menos de 1 ano e. () Sim Qual (is)? f. () Finais de semana / festas g. ()</p>
Itens	Não tem	Tem																																										
Televisão a cores	0 1 2 3 4 ou +																																											
Rádio	0 1 2 3 4 ou +																																											
Banheiro	0 1 2 3 4 ou +																																											
Automóvel	0 1 2 3 4 ou +																																											
Empregada mensalista	0 1 2 3 4 ou +																																											
Aspirador de pó	0 1 2 3 4 ou +																																											
Máquina de lavar	0 1 2 3 4 ou +																																											
Vídeo cassete e/ou DVD	0 1 2 3 4 ou +																																											
Geladeira	0 1 2 3 4 ou +																																											
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0 1 2 3 4 ou +																																											
Telefone	0 1 2 3 4 ou +																																											
Telefone celular	0 1 2 3 4 ou +																																											
Computador	0 1 2 3 4 ou +																																											

ANEXO 4 – PROTOCOLO DE CORREÇÃO TRO.

PROTOCOLO DE CORREÇÃO DO TESTE DE RELAÇÕES OBJETAIS

NOME:

IDADE:

LOCAL DE APLICAÇÃO/GRUPO :

AVALIADOR:

DATA DA CORREÇÃO:

ANALISE SINTÁTICA

A1	Frase única:			
Sujeito	Verbo/ação	Objeto	Implementado/bloqueado	Resultados

MODELO R-O

Tipo de Sujeito	Ação	Tipo de Objeto	Implementado/bloqueado	Afetos		Defesas	

VE:

							VE:

ANALISE SINTATICA

B2	Frase Única			
Sujeito	Verbo/ação	Objeto	Implementado/bloqueado	Resultados

MODELO R-O

Tipo de Sujeito	Ação	Tipo de Objeto	Implementado/bloqueado	Afetos		Defesas	
							VE

ANALISE SINTATICA

B3	Frase Única:			
Sujeito	Verbo/ação	Objeto	Implementado/bloqueado	Resultados

MODELO R-O

Tipo de Sujeito	Ação	Tipo de Objeto	Implementado/bloqueado	Afetos		Defesas	

							VE:

ANALISE SINTÁTICA

BG	Frase Única:			
Sujeito	Verbo/ação	Objeto	Implementado/bloqueado	Resultados

MODELO R-O

Tipo de Sujeito	Ação	Tipo de Objeto	Implementado/bloqueado	Afetos	Defesas
					VE:

ANALISE SINTÁTICA

C1	Frase Única:			
Sujeito	Verbo/ação	Objeto	Implementado/bloqueado	Resultados

MODELO R-O

Tipo de Sujeito	Ação	Tipo de Objeto	Implementado/bloqueado	Afetos	Defesas

							VE:

ANALISE SINTATICA

C2	Frase Única:			

MODELO R-O

Tipo de Sujeito	Ação	Tipo de Objeto	Implementado/bloqueado	Afetos		Defesas	
							VE:

ANALISE SINTATICA

C3	Frase Única:			

MODELO R-O

Tipo de Sujeito	Ação	Tipo de Objeto	Implementado/bloqueado	Afetos		Defesas	

							VE:

ANALISE SINTATICA

CG	Frase Única:			
Sujeito	Verbo/ação	Objeto	Implementado/bloqueado	Resultados

MODELO R-O

Tipo de Sujeito	Ação	Tipo de Objeto	Implementado/bloqueado	Afetos	Defesas
					VE:

ANALISE SINTATICA

BRANCA	Frase Única:			
Sujeito	Verbo/ação	Objeto	Implementado/bloqueado	Resultados

MODELO R-O

Tipo de Sujeito	Ação	Tipo de Objeto	Implementado/bloqueado	Afetos	Defesas

							VE: